

Stadium

N.º 396 ★ 5 de Julho de 1950 ★ 2\$50

A MULHER DESPORTIVA — O atletismo feminino está pouco divulgado em Portugal, como o provam os Campeonatos Nacionais a que concorreram apenas representantes do Belenenses, o clube vencedor, e do Sporting. No entanto, a prática do atletismo é salutar e dá imagem de rara beleza, como esta que publicamos, o salto em altura, de um metro e vinte, da vencedora, a atleta Maria Olga, do Sporting



NESTE
NUMERO

Grande
reportagem
gráfica do cam-
peonato
do Mundo
de Futebol

Artigos
de Natação
Atletismo
e outros
Desportos

Entrevistas
e assuntos
do Estrangeiro

Ribeiro
dos Reis
e a sua
vida de
Jornalista

BASTA DE FUTEBOL

Os jogadores de futebol português mantêm-se em ininterrupta actividade há dez meses, o calor apertou a tornar penosos os demorados esforços físicos à torreira do sol, mas os clubes, animados por sentimentos que desportivamente se explicam mal, não se acham atnada satisfeitos e aspiram a prolejar por julho adiante as competições entre os seus grupos.

Apesar de haver já sido prolongada de um mês a temporada oficial e de serem manifestas a fadiga e a saturação dos jogadores, a actividade do futebol continuaria pelo verão adiante sem a judiciosa resolução do sr. ministro da Educação Nacional que recusou consentimento a todos os pedidos que lhe foram presentes para realização de novos encontros.

Os resultados desfavoráveis alcançados pelos grupos portugueses nas suas últimas pugnas com clubes estrangeiros, atestam flagrantemente a necessidade de dar repouso aos jogadores; alguns desses resultados, frente sobretudo a equipas espanholas, vieram desnecessariamente atingir o prestígio do nosso futebol.

Tudo tem o seu tempo próprio; os atletas mais resistentes e melhor preparados, não podem ser prejudicados — e até sem prejuízo da forma física — manter um ano consecutivo de rijas competições, sobretudo quando, durante certo período, as condições climatéricas são francamente desfavoráveis. É indispensável dar-lhes um prazo de repouso, de completa «abstinência», para que recomecem com apetite.

O público também, durante o verão, deve ser desviado para outros pasatempos; aqueles espectadores do futebol que não partem para férias ou que não vão passar o domingo na praia ou no campo, terão para se distrair, os torneios de atletismo, as provas de natação, os festivais de ciclismo. Estas modalidades precisam de alcançar vida independente, que um futebol interminável fatalmente asfixiaria. Digamos-lhe, portanto, mesmo com saudade, adeus por dois meses, que depressa passarão.

Quando ele voltar, será melhor acolhido por todos, praticantes e assistentes. De resto, em todos os começos de época, se afirma que o defeso será inteiramente respeitado. E nunca se respeta.

4.º CAMPEONATO MUNDIAL DE FUTEBOL

COMENTARIOS AOS DESAFIOS E AO TRABALHO DAS EQUIPAS E DOS JOGADORES

Especial para «Stadium», de CANDEIAS ALVAREZ

Rio de Janeiro amanheceu radiante de beleza. Um sol bem brasileiro acarinhava os milhares de turistas que da América do Sul, dos pontos mais distantes, aqui vieram assistir à inauguração da maior praça desportiva ora existente no Mundo. Animação densa na capital federal. O aspecto cosmopolita da cidade dava-nos a impressão de que havíamos voltado ao tempo em que o Brasil, e muito especialmente o Rio de Janeiro, com as suas maravilhosas belezas naturais, era a delícia do europeu e do norte-americano que aqui vinha passar umas merecidas férias.

A hora da abertura dos portões do magnoso colosso de cimento aproximava-se e já, às 12 horas, era difícil uma condução para Maracanã. Uma mole imensa de gente aglomerava-se na praça fronteira ao antigo Derby Club e começavam os comentários sobre as possibilidades dos concorrentes.

O Estádio com capacidade para 155 mil pessoas tornar-se-ia pequeno para conter a avalanche que se acahinava. A sua construção feita em tempo recorde (22 meses) somente foi possível devido ao desejo do Perfeito da cidade, general Angelo Mendes de Moraes, que, durante a sua gestão, quis dar aos desportistas do Brasil uma praça desportiva à altura do seu País.

E nada melhor que um Campeonato Mundial para a sua inauguração. Com alojamento para 130 atletas, dependências para administração, instalações sanitárias, vestiários, gerência médica, modulares, cabines especiais para a imprensa e rádio, 58 cubas destinadas ao público, 90 para venda de cigarros, 45 bombonieres, 240 bilheteiras e 25 guichês são só por si mais que suficientes para atestar a grandeza desse monumento. Quatro túneis dão acesso ao campo: dois destinados exclusivamente ao serviço dos juizes dos encontros e os outros dois às equipas. O público não poderá entrar em contacto com os atletas, pois, ao redor metros de largura por três de profundidade, que, praticamente, impede as invasões de terreno tão habituais na América do Sul.

A área total do Estádio é de 800 metros e a sua altura de 22 metros. Existe ainda uma perfeita instalação de reflectores para os jogos nocturnos em número de 250 divididos instalados de metro a metro. Na construção desse colosso de cimento armado foram consumidos 162.950 sacos de cimento, 15.757 metros cúbicos de areia e quase 55.000 de madeira. Mais de 10 milhões de quilos de ferro, 193.000 quilos de praga e quase um milhão de tijolos. O Rio de Janeiro estava em festa.

A seleção do Brasil começa com o pé direito...

Eram 14,30 precisos quando o chefe do Estado, general Eurico Gaspar Dutra, dava entrada na tribuna de Honra do Estádio, longamente aplaudido por cerca de 120.000 pessoas. Depois das cerimónias simples mas tocantes que se seguiram com o hasteamento do pavilhão nacional e a salva de 21 tiros, as atenções dos presentes voltaram-se para os túneis onde surgiram as equipas do Brasil e México para inaugurarem oficialmente o torneio máximo, enquanto uma banda de música amenizava o ambiente e acalmava os nervos dos «torcedores».

O Brasil entra em campo longamente aplaudido, com delírio até, estalando no ar cânticos, marteladas e foguetes, misto tradicional no Brasil para comemorar os acontecimentos importantes.

E depois das cerimónias habituais, Mr. Reader apitou para o início do primeiro encontro da Copa do Mundo, de baixo de um silêncio emocionante. Lógico que o seleccionado brasileiro foi o favorito. Os mexicanos apesar dos últimos progressos evidenciados não podiam ombrear sequer com a categoria do futebol adversário.

Os primeiros momentos foram de relativo nervosismo; de um lado existia uma técnica pre-concebida, e do outro era a coragem quem mandava. Os primeiros passes davam-se e o placard mantinha o zero afilivo. Os astecas sentindo que poderiam evitar o reves contundente, mantinham-se numa defesa porfiada em que todo o sector defensivo mostrava grandes qualidades, e, por vezes, os seus atacan-

tes enlevavam os médios e defesas do Brasil com triangulações interessantes, a demonstrarem todo o fulgor do jogo. Usando o ferrolho como sistema defensivo, as avançadas brasileiras eram totalmente infrutíferas. No entanto o quinto atacante demonstrou uma inépcia enfraquecedora.

Da parte dos brasileiros, a par do nervosismo natural de quem, sentindo-se mais equipa, não vê o arrelizador zero sair do marcador, as coisas não corriam também como seria para desejar. Diversos claros verificavam-se nas suas linhas. A equipa não produzia mais do que nos treinos realizados. E precisou dar o máximo para conseguir dominar a complicada defesa asteca.

No período final, quando os mexicanos sofreram o segundo golo e se renderam pelo cansaço, então sim, puderam os brasileiros dar largas à sua disposição extraordinária de acrobacias malabaristas. Jair e Ademir foram incontestavelmente os dois pontos mais altos da equipa. O primeiro, surpreendendo a quantos o tinham visto anteriormente. O conhecido Jáká é de facto um jogador de selecção e nunca de clube. Quando ele quer, tudo é possível, e os seus violentos remates são um perigo para qualquer guarda-redes. Ademir com aquele seu jeito tão inconfundível não podia deixar de marcar. Fez dois golos, fruto da sua extraordinária codicia.

Brasil — Barbosa, Augusto e Juvenal; Ely, Danilo e Bigode; Friaça, Ademir, Baltasar, Jair e Maneca.

México — Carvallal, Zeter e Montemayor, Ruiz, Ochoa e Roca; Naranjo, Ortiz, Casarin, Perez e Velasquez.

ACTUAÇÃO DOS JOGADORES — Na Selecção do Brasil, depois de Jair e Ademir, somente Bigode esteve à altura. Maneca, não sendo um ponta direita, cumpriu satisfatoriamente. Friaça surpreendeu no primeiro tempo pela animosidade de sua decida depois bastante. Baltasar nervoso em demasia, não conseguiu nunca empregar o seu tão falado golpe de cabeça. A defesa, com Augusto e Juvenal, teve que empenhar-se a fundo. Os restantes fracos.

Nos mexicanos somente o sector defensivo é digno de comentários. Dentre os atacantes, Ely, Velasquez, teve por vezes rematar com êxito, mas a ingenuidade dos seus companheiros tornou infrutíferos todos os esforços.

Os ingleses estrearam-se com uma vitória que não convenceu...

Inglaterra e Chile defrontaram-se no dia seguinte, para continuação da primeira jornada. Os ingleses francos favoritos, estrearam-se com uma vitória mais difícil de que a esperada. Ambos os chilenos fortalecidos com a inclusão de George Robledo que militava num clube da primeira divisão, lutou condignamente contra os mestres do association. O english team não rendeu aquilo que era de esperar. A impressão geral antecipada era de que o jogo seria um passeio para os ingleses, mas a realidade das coisas demonstrou ser bem diferente. Claro que não chegaremos ao ponto de dizer que os mestres deixaram de apresentar um padrão de jogo que é famoso em todo o mundo. Um pouco morosos, correram sem a velocidade e desarmos nos seus o seu rosário de fintas e passes sistemáticos e eficazes, mas não foram tão produtivos como todos desejavam.

O futebol inglês, frio, metódico e calmo, não se adapta ao espírito do sul-americano. Ambos os golos foram de uma beleza extraordinária. Ambos os centros partiram e ainda a bola não tinha sido arrepassada já se sabia que aquilo era um golo. Os chilenos apresentaram uma equipa surpreendente. Fazendo rolar a bola bem junto ao terreno, conseguiram realizar um encontro equilibrado durante os primeiros 45 minutos. Depois não houve mais novidades. Nesse primeiro tempo poderiam ter marcado um golo, não fora a maneira eficaz como age a defesa inglesa e ainda a certeza de que nas suas redes se encontra um homem que se chama Williams. Esta defesa foi inultrapassável. Bem apoiada

pelo centro-médio Hughes criou uma barreira irremovível.

Inglaterra — Williams, Ramsay e Aston; Wright, Hughes e Dickinson; Finney, Mannion, Bentley, Mortensen e Mullen.

Chile — Livingstone, Farias e Rodan; Alvarez, Busquet e Carvallal; Maynes, Chemsachi, Robledo, Muñoz e Dias.

Na selecção inglesa, Mortensen, Wright e Williams, foram os mais eficientes. Finney, espantoso quando em fintas estonteantes driblava um e dois adversários, mas com a pecha de pretender infiltrar-se sempre pelo mesmo lado, esperando talvez que o adversário não o compreendia. Quanto aos restantes, bem, mas não houve esforços desmaltados.

Nos chilenos, depois de Livingstone poderemos apontar Robledo como um excelente avançado-centro. Além da codicia nos lances é possuidor de um potente pontapé. Um homem com uma altura de 20 metros e que batue na trave lateral foi excelente. Arbitrou o holandês Van der Meer que se houve com muito acerto.

Contra a Suíça, a Jugoslávia fez tudo o que lhe apeteceu...

Em Belo Horizonte, os jugoslavos faziam a sua apresentação em campos brasileiros defrontando os suíços a quem não há um mês venceram em Berna por 4 a 0. Confirmaram agora a sua superioridade impondo um resultado de 3-0 que se justifica plenamente. Os jugoslavos praticaram um futebol razoável, somente empunhado pela aspeza, empunhada em certos lances. Os suíços demonstraram precária condição física, somente na primeira parte conseguiram igualar-se aos balcânicos. Passados os primeiros minutos da fase final começaram a demonstrar cansaço, especialmente a defesa, onde residia o seu ponto alto e entregaram-se. Os jugoslavos aproveitaram então o momento para conquistarem três golos quase de rajada com que fixaram o resultado.

Os helvéticos praticando uma classe de futebol desconhecido na América do Sul (o ferrolho) procuraram logo de início a luta com grande vontade e por momentos impuseram-se mesmo pelo arder combativo. Mas foi sol de pouca duração. Os balcânicos conseguiram frear os intentos adversários e passaram a mandar no terreno. Praticando um W. M. perfeito foram e serão adversários difíceis para qualquer selecção. Este encontro teve o seu ponto alto de 20 minutos por o árbitro italiano Baldi, não concordar com as redes que guarnecem a baliza.

Jugoslávia — Mirkusik, Horvat e Itankovitch; Tebakowsky, Janovitch e Mitic; Daich, Tomasevitch, Hobeck e Cukas.

Suíça — Stuber, Nenri, e Boquet; Luzenti, Aggiman e Quince; Bickel, Antenon, Pomini, Bader e Matten. Arbitrou o sr. Galotti (italiano): — Não agradou. Permittiu por vezes que os balcânicos usassem e abusassem dos truques. Parecia ter os olhos fechados às violências e aos fous evidentes. Inclusive chegou ao ponto de nem respeitar a decisão da Comissão de Arbitragem que havia fixado a marcação do penalty quando uma falta fosse praticada em cima da linha da grande área. Resumindo: Demonstrou pouca visão, já que conhecimentos não lhe faltam.

Os Estados Unidos iam desfeituando os espanhóis em Curitiba...

«Nuestros Hermanos» foram a Curitiba, terra fria por natureza e apanharam um forte calor. Quando terminou o encontro em que defrontaram os americanos — saíram transpirando.

Perguntava-se se aquela era a «Fúria» e a elite que vinha ao campeonato mundial de Futebol credenciado como uma das mais sérias concorrentes... Os espanhóis, até ao 36.º minuto, estiveram perdendo por 1 a 0 contra uma selecção que, na palavra de Mário Vianna, o árbitro brasileiro que dirigiu o encontro, leva o tempo rindo e brincando. E ainda Mário Vianna quem nos diz: — Os rapazes americanos são de facto encantadores pela sua simplicidade. Conscios de uma goleada quando sentiram que ganhavam já por 1 a 0 não se deslumbriaram. Antes pelo contrário. Ficaram tão surpresos do seu feito que

passaram o resto do encontro fazendo graças uns com os outros. Não têm arrelgado no espírito o futebol competitivo. Padrão as equipas não existe. Sómente o interior direito e o defesa esquerdo, que joga de luvas, são de categoria. Os restantes... «brincalhões».

Ora os espanhóis que haviam esperado este jogo com ansiedade contando com uma vitória estrondosa não souberam dominar a situação. Toda a equipa parece irreconhecível. Positivamente ninguém se salvou da hecatombe. Sómente a sorte nos 5 minutos finais os favoreceu, com dois golos mais consentidos pelas suas avançadas.

Espanha — Elizaguirre, Alonso e Antunes; Gonzalo II, Gonzalo III e Puchades; Basora, Hernandez, Zarra, Igoa e Guiza.

E. U. A. — Borghi, Maca e Harry; Me Iveny, Colombo e Bahr; Weolainn, John Sousa, Craddock, Pariani e Wallace.

A arbitragem de Mário Vianna, facilitada pela correcção das equipas.

O árbitro português Vieira da Costa serviu como juiz de linha.

A selecção sueca proporcionou a primeira grandes-impresa ao vencer a Itália

Em São Paulo, a sazuras não conseguiram resistir ao melhor jogo dos escandinavos. Foi uma vitória espectacular e inesperada aquela que os suecos conseguiram. Ainda que de facto surgissem extraordinariamente credenciados ninguém pensaria que seriam capazes de levar de vencida os italianos, bicampeões do Mundo e que tinham fundadas esperanças no tri-campeonato, apesar do desastre de Superga. O onze que ainda não há muito tempo havia conseguido uma ótima vitória sobre a Inglaterra, apesar de se terem defrontado as equipas B, caiu fragorosamente ante a vontade indomita dos suecos.

O conjunto esteve falho. Começou bem até obter o primeiro ponto mas depois, talvez por convencimento de uma superioridade que não existia, consentiram o empate e quando quiseram retomar o domínio das operações era tarde. Os escandinavos foram sempre um team mais positivo e acima de tudo mais categorico. A defesa, com grande sentido de marcação, desbaratou todas as investidas dos italianos.

Foi o seu ponto alto. O quadro italiano tornou-se irreconhecível, como dissemos no inicio deste nosso comentário. Nem o categorizado médio-centro Parola escapou deste autêntico desastre.

Itália — Sentimenti IV, Giovannini, Furiassi; Anovaxi, Parola e Magli; Mucchinelli, Boniperti, Capelo, Campatelli e Carapellacci.

Suecia — Svensson, Samuelsson e Nilsson, Anderson, Nordau e Gard; Sundniet Palmer, Jeppsson, Skglund e Steilan Nilsson.

O árbitro suíço Lutz foi o dirigente do encontro. Falhou apenas quanto a repressão do jogo brusco.

MAPA DA TAÇA DO MUNDO

1.º GRUPO

Resultados

- Brasil 4 — México 0
- Jugoslávia 3 — Suíça 0
- Brasil 2 — Suíça 2
- Jugoslávia 4 — México 1
- Brasil 2 — Jugoslávia 0
- Suíça 2 — México 1

Série II — Ano VIII — N.º 396
Lisboa, 5 de Julho de 1950

Stadium

REVISTA DESPORTIVA

REDACCAO E ADMINISTRACAO

RUA DA ROSA 252-1.º

Telefone, 31127 — LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICACOES STADIUM LIMITADA

NEORAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

Classificação

	J	V	E	D	B	P
BRASIL	3	2	1	—	8	2
Jugoslávia	3	2	—	1	7	3
Suíça	3	1	1	1	4	6
México	3	—	—	3	2	10

2.º GRUPO

Resultados

- Inglaterra 2 — Chile 0
- Espanha 3 — E. U. A. 1
- E. U. A. 1 — Inglaterra 0
- Espanha 2 — Chile 0
- Espanha 1 — Inglaterra 0
- Chile 5 — E. U. A. 2

Classificação

	J	V	E	D	B	P
ESPAÑA	3	3	—	—	6	1
Estados Unidos	3	1	—	2	4	8
Inglaterra	3	1	—	2	2	2
Chile	3	1	—	2	6	2

3.º GRUPO

Resultados

- Suécia 3 — Itália 2
- Suécia 2 — Paraguai 2
- Itália 2 — Paraguai 0

Classificação

	J	V	E	D	B	P
SUÉCIA	2	1	1	—	5	4
Itália	2	1	—	1	4	3
Paraguai	2	—	1	1	2	4

4.º GRUPO

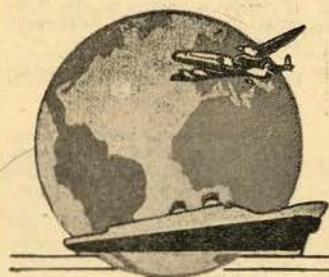
Resultados

- Uruguai 8 — Bolívia 0
- Trata-se do Grupo onde era incluído o nosso País e a França.

Classificação

	J	V	E	D	B	P
Uruguai	1	1	—	—	8	0
Bolívia	1	—	—	1	0	8

AGENCIA ULTRAMARINA



VIAGENS

TURISMO

ENCOMENDAS

DOCUMENTOS

NUMISMÁTICA

CINELLI & CIA.

AV. RIO BRANCO, 38 A — Tels.: 23-0302 E 23-4224

End. Telegráfico: CINELLI — RIO DE JANEIRO — BRASIL

ATLETISMO

Vitória do Sporting

num torneio de Equipas sintético

O Torneio de Equipas, louvável organização da Associação de Atletismo de Lisboa fahou por culpa dos clubes ausentes. A competição seria realmente interessante com a presença das quatro colectividades convidadas, mas assim, reduzido a simples duelo entre o Sporting e o Benfica, perdeu todo o significado e grande parte do seu interesse.

Já de há longos anos que defendemos a necessidade de criar um campeonato nacional de equipas, o que permitiria transformar os actuais campeonatos em competições individuais, sem a pontuação que tanto preocupa os dirigentes clubistas e obriga alguns atletas a dispersar esforços com evidente prejuizo das suas marcas especializadas.

A experiência deste Torneio prova a possibilidade do projecto e, se de futuro lhe for atribuído o título de campeonato, aumentará o empenho dos clubes e o entusiasmo do público.

O programa precisaria então de ser aumentado e revisto, sendo de admitir a sua divisão em duas jornadas, no sábado e domingo.

As provas de domingo passado foram, na generalidade muito fracas; salvam-se os resultados dos 300 e 1000 m.

O caso dos 100 m. é curioso: Pacote vence com metro e meio de avanço sobre Maia em 11,2s.; oito dias antes fora creditado em 10,6s. Mesmo levando em conta o vento favorável deste dia e a brisa contrária de agora, a diferença de seis décimos em todos os corredores é de pensar. Este problema das cronometragens, pela sua enorme importância e constantes anomalias, precisa de ser estudado e a ele voltaremos a devido tempo.

As onze provas da jornada, com uma participação reduzida a quatro homens, não tiveram brilho; a classificação em cada uma delas era feita por adição de resultados e o Sporting resultou vencedor nos 100, 1000 e 5000 metros, no salto em altura, nos lançamentos do peso e dardo e na estafeta olimpica; o Benfica, nos 300 metros, nos 200 m. barreiras, no salto em comprimento e na estafeta sueca. Conclusão: Sporting, 47 p.; Benfica 41 p.

Os melhores resultados foram os de Fernando Casimiro nos 300 m., 36,5s., igual à terceira melhor marca portuguesa e de Pena da Silva no quilómetro, 2 m., 40,2s., quarta marca nacional.

SALAZAR CARREIRA

O depoente desta semana é outro jornalista distinto, com um nome que é garantia segura de probidade, de actuação rectilínea, de opinião firme e autorizada, enfim, um dos mais brilhantes e lidos cronistas desportivos.

O tenente-coronel António Ribeiro dos Reis, figura destacada no meio militar, onde tem provado de sobejo a sua valia e mérito, através de várias missões que lhe têm sido confiadas, situou-se no desporto em lugar proeminente, quer como dirigente quer como jornalista.

Dirigindo ou escrevendo, mantém-se fiel à linha de conduta traçada, agindo de acordo com os ditames da sua consciência, não tergiversando, sejam quais forem as circunstâncias.

Foi jogador «internacional» de futebol, seleccionador nacional único, presidente da Comissão Central de Arbitros, director da Federação de Futebol, e representou Portugal em vários Congressos da F. I. F. A. realizados em Amsterdã, Budapest, Barcelona, Berlim, Luxemburgo e Londres, etc.. Prestou o seu valioso concurso ao Sport Lisboa e Benfica desde 2 de Novembro de 1913 até 18 de Janeiro de 1925, mantendo-se, portanto, em actividade durante 12 anos! Estreou-se em 3.ª categoria contra o Savanense num encontro que ganhou por 8-0 e fez o jogo de despedida contra o Belenenses, em que também triunfou por 3-0.

Ribeiro dos Reis, bom amigo de há muito nos habituamos a admirar, não necessita que prolonguemos este ligeiro introito, tão conhecida é a sua valiosíssima contribuição prestada ao desporto português. O seu passado e presente são a mais segura garantia do que fará no futuro.

Anuindo prontamente ao nosso pedido, recebeu-nos na redacção do nosso estimado colega «A Bola», respondendo sem rebuço às perguntas que fizemos.

Da troca de impressões havida, damos a lume as passagens mais importantes.

A CARREIRA DO JORNALISTA

— Comecei a escrever no «Sport Lisboa» em 1914, portanto no segundo ano de vida deste semanário, tendo dado à estampa um artigo, que foi gizado de colaboração com Júlio Ribeiro da Costa, e Luís Esteves Fernandes. O primeiro é hoje oficial do exército e o segundo é o embaixador de Portugal nos Estados Unidos da América. O tema da estreia jornalística, referia-se à morte do saudoso Jean Bouin, «recordman» da hora.

«Os artigos sobre diversos assuntos sucederam-se com regularidade, até que me foi cometido o pesado encargo de substituir Norberto de Araújo na secção do jornal intitulada «Crónica» e que aquele distinto profissional da imprensa vinha subscrevendo com as iniciais Z. Z. Passei a assinar com as iniciais A. R..

«Tomei gosto pelo género e aí versei os acontecimentos mais gritantes da semana e algumas das mais flagrantes questões doutrinais. Ainda, neste jornal, sustentei os primeiros «duelos à pena».

«Da fusão com o «Jornal de Sports» resultou o aparecimento de «O Sport de Lisboa», dirigido



Ribeiro dos Reis, grande nome do jornalismo desportivo, fala com Pitta Castelejo e diz, afinal, o que se pode dizer...

COMO TRABALHAM OS JORNALISTAS DESPORTIVOS

RIBEIRO DOS REIS

OFICIAL SUPERIOR DO EXÉRCITO E DISTINTO REDACTOR-PRINCIPAL DE A «BOLA» REVELOU-NOS O QUE TEM SIDO O SEU LABOR JORNALÍSTICO INICIADO HA 40 ANOS

por Alvaro de Lacerda. Aí continuei, sendo-me grato afirmar que muito aprendi com Alvaro Machado, desassombrado e competente crítico de futebol e com Alvaro Lacerda, espírito lúcido e brilhante. A minha formação espiritual começou, portanto, ao lado desses excelentes mestres que me souberam ensinar a ver os assuntos com isenção, libertando-me das «lunetas» clubistas.

Uma pausa. Depois prosseguiu:

— Esta minha iniciação jornalística obrigou-me a tratar de quase todos os géneros, como por exemplo: reportagens sobre natação, box e atletismo, críticas sobre futebol, entrevistas, etc. Escrevi versos humorísticos para a secção «Fogo» do jornal, alterando a minha colaboração com as de Norberto de Araújo e Ávila de Melo. Todas estas variantes serviram para me dar «calor». Depois, com o passar do tempo, surgiram Ricardo Ornelas, Raúl de Oliveira, Correia Leal, Mário de Oliveira, António Sequeira, Rufino Sena, Rebelo da Silva, Neves Reis e Felix Bermudes, que veio depois a ocupar o lugar de director.

«Colaborei também, em «Os Sports» quando dirigido por Campos Júnior e em uma revista, cujo nome não me ocorre, mas que pertencia a A. Sá».

«Com Cândido de Oliveira no cargo de director de «Os Sports», ingressei no corpo redactorial. O Cândido, mais tarde vendeu a sua quota e o Gomes Monteiro que ocupou, então, o lugar deixado vago, trouxe o Raúl de Oliveira, como redactor principal».

«Quando Gomes Monteiro por sua vez se afastou, fui convidado pelo dr. Beirão da Veiga para assumir a direcção de «Os Sports», mas não chegámos a acordo, aparentemente, por umas centenas de escudos, mas na realidade porque eu pouco tempo tinha disponível para me dedicar inteiramente à função e, ainda, por não querer prejudicar o Raúl de Oliveira, que só vivia do jor-

nalismo. Facilitei a sua ascensão ao lugar que ora desempenha e servi sob as suas ordens durante muito tempo. Divergências de ordem doutrinária (profissionalismo) e o desejo natural de ir mais além, fizeram com que me afastasse e de parceria com o Cândido fundássemos «A Bola».

A concluir:

— Colaborei no «Diário de Lisboa», para onde fui levado inicialmente por Norberto de Araújo, ocupando a vaga deixada pelo Cândido que fora para Braga. Aí trabalhei com o Tavares da Silva, que após eu ter deixado o jornal me veio buscar para fazer os comentários das grandes feiras. Também fiz parte de «A Bola», do Tavares, mas saí por não dispor de tempo. Uma novidade: a página de «Os Ridículos», assinada por Adelbrecht era minha.

RECORDAÇÕES INDELEZÍVEIS

Atiramos novas perguntas, ansiosos por conhecer, sob aspecto diferente, o pensamento de Ribeiro dos Reis. Com evidente prazer, disse-nos:

— Tenho dedicado a melhor atenção e cuidado à propaganda das «Leis do Jogo», classificando o meu labor, nesta faceta, como o mais profundo e aliciente. A preocupação evidente de me libertar da paixão clubista, para desempenhar com justeza e isenção o mister de jornalista, já me acarretou a inimizade de vários associados do Benfica. Para o crítico, quanto a mim, a maior dificuldade reside em apreciar, por igual, o comportamento dos dois grupos em luta, sendo um deles o da nossa predilecção. Normalmente, há a tendência de se ver apenas o que os «nossos» jogadores fazem. Os outros passam despercebidos. O crítico tem de se libertar deste tremendo defeito.

«O objectivo em vista nos meus escritos é o de melhorar o juízo crítico do público, para que este

se convença da utilidade da crítica. O jornalista não deve obrigá-lo a verificar, através dos comentários, que não apreciou, com isenção, tudo quanto se passou realmente o de ambos os lados».

Alegrias e tristezas, momentos emocionantes, saudades...

— Vou tentar citar-lhe alguns factos, — respondeu-nos. Em primeiro lugar, a propósito do I Portugal-Espanha. Era jogador e ao mesmo tempo membro do Comité de Selecção da A. F. L. Nesse tempo, admitia-se a possibilidade de um jogador em actividade, fazer parte do Conselho Técnico. Daí o ter examinado árbitros, julgado protestos e emitido parecer sobre a formação das selecções. Após o jogo, em que participei, fiz a reportagem que transmiti para o jornal por meio de telegramas em cifra. Em 1923, fiz parte do Comité de Selecção da União Portuguesa de Futebol, constituído por mim, dr. Virgílio Paula e tenente Neves Eugénio (do Porto) que escolheu a equipa que perdeu em Sevilha por 3-0. Também relatei o jogo, mais o Correia Leal e fui o orador oficial, no banquete, porque o Raúl Nunes, director federativo que acompanhava a selecção nacional, enrouquecera momentos antes.

«Outras recordações: a derrota dos 9-0 em Madrid. Ouvi nos Correios o relato. Sofri imenso. Devido ao falecimento de minha mãe não pude acompanhar a rapaziada. Em Amsterdã, no encontro Portugal-Jugoslávia, aquele golo de Augusto Silva que nos deu a vitória por 2-1, não esquece. Também não se olvida a alegria sem par do triunfo na Taça Latina, por cuja realização pugnei. Estava atrás da baliza francesa, quando se marcou o canto. Antes do esférico ter sido pontapeado, disse para o Júlio: É agora. E foi mesmo. Presenti-

(Continua na página 6)

BRASIL VENCE MÉXICO 4-0

Seleção do Brasil. Ely, Juvenal, Augusto, Danilo, Barbosa, Bigode e Johnson (massagista) de pé; Mário Américo (massagista), Jair e Friaga.

Seleção do México. Carvallal, Zetter, Montemayor, Ochoa, Ray, Roca (massagista) e o técnico da equipa, de pé; Naranjo, Ortiz, Casarin, Perez e Velasquez.

ENTREVISTAS RELAMPAGOS

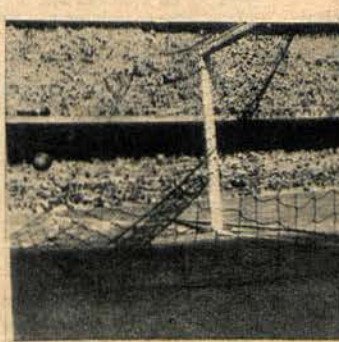
Os brasileiros relativamente satisfeitos...

LOGO que recolheram ao vestiário, os brasileiros deram largas à sua alegria pela vitória sobre o México. Todos reconheciam que a partida havia sido mais dura do que pensavam e que os mexicanos tinham uma ótima defesa, mas com o tempo os golos surgiram como de facto sucedeu. Ely e Danilo apresentavam lesões mais ou menos graves. No entanto o médio lateral vascaíno será poupado no próximo encontro. Pretendemos ouvir a opinião de Flávio Costa que, rodeado por dirigentes da Confederação, ultimava ali mesmo os preparativos para a partida para São Paulo onde cumprirão o segundo compromisso, desta vez contra os suíços. Flávio limitou-se a dizer-nos: — Estou satisfeito, até certo ponto. A equipa não rendeu ainda o suficiente e aquilo que sabe, mas o adversário também não a obrigou a forçar... — C. A.

Éis o primeiro golo do Brasil marcado por Ademir. A jogada havia-se desenvolvido próximo da linha da grande área onde Baltazar, em luta com a defesa contrária, havia levado a melhor. Carvallal saiu para cortar o ângulo e lançar-se aos pés do avançado-centro brasileiro que inteligentemente dera a bola a Ademir para este finalizar com êxito.

Barbosa, que teve pouco trabalho, é chamado a intervir na única avançada dos mexicanos que provocou pânico na defesa brasileira, ante os olhares de Augusto (de costas) e Danilo, e auxiliado por Juvenal e Ely (encoberto) que fazem frente a Casarin e Naranjo. Perez, ao lado de Danilo, assiste à jogada pronto a intervir.

Barbosa, que teve pouco trabalho, é chamado a intervir na única avançada dos mexicanos que provocou pânico na defesa brasileira, ante os olhares de Augusto (de costas) e Danilo, e auxiliado por Juvenal e Ely (encoberto) que fazem frente a Casarin e Naranjo. Perez, ao lado de Danilo, assiste à jogada pronto a intervir.



As dificuldades do Brasil por causa das lesões...

Dentre os muitos problemas que afligiram Flávio Costa durante os meses que antecederam o início do Campeonato Mundial nenhum até hoje o atingiu tão profundamente como os últimos verificadas.

Precisamente no momento em que o Brasil mais necessita dos seus jogadores excepcionais para a conquista do Troféu Julio Rimet a lei das lesões vem fazendo das suas. Chico, Rodrigues, Zezinho, Santos, Bauer e agora Ely e Danilo estão às voltas com o Departamento Médico e sujeitos a tratamentos rigorosos. Os cinco primeiros indolores magoaram-se ainda durante os treinos da seleção o que comprova o ardor posto na luta para garantir um lugar que todos ambicionavam. Ely e Danilo smacucaram-se no desafio contra os mexicanos.

Naturalmente que Flávio Costa tendo apresentado um grupo de 22 jogadores para a Copa do Mundo tem ainda possibilidades de conseguir uma equipa bastante poderosa, mas o que o traz apressado é o encontro que terá no próximo domingo contra os jugoslavos, considerados como os mais sérios adversários da sua seleção na série em que se encontram.

Sem extremos-esquerdos viu-se o técnico brasileiro lançar mão de Friaga, do São Paulo, que con-



Na marcação de um pontapé livre marcado por Jair, que não se vê na fotografia. O tiro partiu e Carvallal surpreendentemente desviou o balón para canto ante os olhares de Maneca, Montemayor e Ochoa.

tra os astecas somente na primeira parte se movimentou no terreno de molde a não causar apreensões, mas já na fase final fracassou. Sem o concurso de Santos, a defesa, não comprometendo, não está todavia no seu ponto alto. Na linha média, agora sem Ely e Danilo, Flávio tem de lançar mão da intermediação de São Paulo constituída por Bauer, Rui e Noronha que no momento não estão no melhor da forma.

Ora são todas estas contingências que o futebol proporciona que por vezes não permite que seja o melhor a ganhar, ou aquele que de antemão era o apontado. O Brasil até ao momento ainda não nos convenceu da sua superioridade sobre os restantes. Futebol vistoso mas talvez pouco prático. Retirados da linha atacante os dois fenômenos que são Jair e Ademir, não sabemos como aquilo será. São de facto os únicos que demonstram além de uma codícia extraordinária um entusiasmo surpreendente. Jair pode considerar-se o cérebro do ataque e Ademir o sempre pronto finalizador. Os restantes dentro das suas posições são esplêndidos cracks, mas nem Maneca, nem Friaga, nem Baltazar são extremos ou centro-avancados. O primeiro no Vasco da Gama é um ótimo interior. O segundo, no São Paulo, tem sido espau para toda a obra. Baltazar joga bem de cabeça, mas com os pés consideramo-lo um autêntico fracasso. Talvez como interior — sua primeira posição — seja mais produtivo.

O desafio contra os suíços em S. Paulo há-de revelar as falhas provenientes das lesões dos melhores jogadores brasileiros. Mas o Brasil há-de acabar por vencer... — C. A.

A missão do crítico

—segundo RIBEIRO DOS REIS

(Continuação da página 4)

mentos... É melhor ficar por aqui, senão... nunca mais acabava.

Reportagens dos grandes acontecimentos e polémica

Expreso o nosso desejo, quanto ao que pretendíamos, elucidou-nos:

— Escrevi para o «Diário de Notícias» e para «Os Sports», várias crónicas e comentários sobre os Jogos Olímpicos, de Amsterdã, em 1928; para o «Diário de Lisboa», os de Berlim, em 1936; e, ainda, narrei em vários artigos, a abertura dos Jogos de Londres em 1948. Em 1922, no «Sport Lisboa» dei conta da forma como decorreu a excursão do Sport Lisboa e Benfica à Madeira. Entre as principais reportagens, em quantidade, qualidade e importância, além de muitas outras que não interessa enumerar.

Gosto do jornalismo desportivo e só este tentei. A propósito, e porque merece registro especial, quero referir-me ao relato que fiz para o «Diário de Notícias», — por intermédio do célebre «quadro eléctrico», — do desafio Portugal-Itália, que perdemos por 6-1.

Instalado na bancada central, ia preenchendo os telegramas só com números, uma vez que o campo havia sido, para o efeito, dividido por zonas numeradas, a fim de que a bola girasse no quadro eléctrico em representação fiel do que se estava passando no campo. Não faz ideia da admiração manifestada pelos meus «vizinhos», que parecia expressar do pelo pobre «diabo» que ia anotando números em série nos papéis que ia enviando, por um rapaz, para o telegrafo!

Continuando, — asseverou: — Aprecio imenso os debates sobre a interpretação dos textos regulamentares e tenho travado alguns bastantes rijos. Por exemplo: acerca do encontro Benfica-Olhansense, no Campeonato de Portugal de 1930-1931; o caso Galvão; o caso Ângelo César, no Congresso da Federação; a questão, Fósforos-União; e, recentemente, a taça monumental de «O Século». Da discussão nasce a luz e eu nunca me eximo de terçar armas em defesa de um ponto de vista ou de um empreendimento que reputo justo, e digno de que por ele se combata.

A forma de trabalhar do jornalista e alguns comentários seus

— Pretende saber como trabalhava? You dizer-lho. Comecei por trabalhar, em qualquer lado, em gabinete, café ou mesmo ao ar livre. O barulho não me perturbava. O que se passava ao meu redor não contava para efeito da sequência dos meus pensamentos. Agora, o caso é diferente. Neces-

sito de isolar-me para que, obtida uma perfeita concentração de espírito, o trabalho me saia de acordo com o que pretendo. Assim, consigo mandar para a tipografia, linguados inteiros sem quaisquer emendas e outros com muito poucas, o que surpreende os tipógrafos. A virtude desta perfeição reside essencialmente no facto de formar as frases, em pensamento, antes de as escrever. Tenho pena de não ser mais rentista. Trabalho indistintamente de dia ou de noite, consoante as circunstâncias. Como não fumo, não tenho o lenitivo da sua companhia, tão apreciada por outros camaradas. Nunca me preocupei com o estilo. Escrevo ao correr, respeitando, contudo, a sintaxe.

E num desabafo:

— O público que lê uma crónica de futebol não avalia, nem ao de leve, o esforço despendido pelo crítico. Vejamos: 90 minutos a seguir o jogo com a máxima atenção; cerca de uma hora de viagem para chegar à Redacção e, depois, mais duas ou três horas de trabalho intenso, para redigir a crónica. Quando se trata de jogos internacionais fora do país ainda é pior. Simplesmente arrazante! Além do esforço já revelado, há ainda que acrescentar cerca de 60 a 90 minutos ao telefone, ditando palavra por palavra, vírgula por vírgula...

«As interrupções telefónicas, a má audição, as arrelias, os nervos em ebulição... um nunca acabar de sensações, que destroem a vontade dos mais fortes. E jantar? Isso é secundário. Tanto se pode comer à 1 como à 2 da madrugada, isto é, findo o trabalho, que está em primeiro lugar. Quantas vezes não se janta porque já não há onde ir comer! A vida do jornalista é muito divertida, como acabo de provar. Os convites para os banquetes, na sua maioria, ficam na carteira, porque o serviço acaba ao mesmo tempo que a resposta. Esta é a única verdade!»

E' preciso lançar gente nova

Fugimos por momentos ao fim que nos levava a procurar Ribeiro dos Reis. Abordamos aspectos que não interessam à entrevista. Depois, retomamos o fio das perguntas que levávamos em mente, tendo registado estas declarações:

— Procuro lançar, no meu jornal, nomes novos para pôr termo à «blague» de que só há três ou quatro críticos de futebol em Portugal, que fazem opinião. Não podemos permanecer eternamente na barricada da frente. É preciso arranjar novos combatentes. Dizem-me, por vezes, que o público, sobretudo o da provincia, busca sempre com interesse a opinião dos já citados três ou quatro jornalistas mais antigos e mais categorizados. Tal estado de coisas não pode passar o teste-munho. É esta a razão que me leva a tentar desaparecer da cena, pouco a pouco, puxando os outros para a «luz da ribalta», e não porque seja mandrião como já me chamaram.

Concretizando o seu ponto de vista:

— Sou um diabético e, em consequência da doença, passo dias insuportáveis, com um estado de irritação latente. Depois de quase 40 anos de jornalismo parece-me que cheguei a altura de ter direito a serviços mais moderados. Não suponha que seja comodismo da minha parte, agora que sou simultaneamente redactor e proprietário de «A Bola». A orientação de um jornal desportivo é, hoje, uma actividade muito absorvente e muito fatigante, para se poder estar ao corrente de tudo o que se passa cá em casa e lá fora.

«O fecho do jornal a altas horas da madrugada é uma tarefa árdua, que provoca grande desgaste físico e mental. A chegada a casa ao romper da madrugada, para continuar logo no dia seguinte é de «ceitoirar». Os alcátruzes rodam sempre e não esperam...»

Apreciou-se seguidamente o panorama desportivo. Eis o que nos foi dado saber, depois de esmiuçar-mos o tema em pormenor.

— Sobre a Direcção Geral dos Desportos, concordo com a sua existência, como elemento superior de orientação e fiscalização, que deve alhear-se dos pormenores da vida interna das associações, federações e clubes, intervindo apenas como árbitro quando se suscitarem conflitos. Esta entidade devia limitar-se a dar directrizes e a verificar se eram ou não cumpridas e respeitadas, agindo, então, em conformidade. Em resumo: Entendo que a função da Direcção Geral dos Desportos é apreciar os assuntos do alto da posição que desfruta.

Quanto ao estado actual do futebol, é meu parecer de que se torna premente extremarem-se os campos, classificando rigorosamente os amadores e os profissionais, para que a direitos correspondam obrigações e que uns e outros constem de documento escrito, para cumprimento integral. Não sou contrário ao pagamento de remunerações aos jogadores, uma vez que são eles quem valorizam o espectáculo e para que este seja cada vez mais atraente e emocionante os jogadores têm de se sujeitar a uma preparação mais rigorosa, sacrificando as ocupações profissionais com os treinos, deslocações etc.. Compreendo perfeitamente a orientação seguida pelos clubes, e não os censuro.

— Seria viável o profissionalismo integral no nosso país? Inquirimos.

— Talvez, sob o aspecto geral, e concertada por parte de meia dúzia de clubes. No entanto, este assunto levar-nos-ia longe. É melhor parar.

Concordámos e como já havíamos abusado em demasia da afabilidade amiga de Ribeiro dos Reis, despedimo-nos com os maiores agradecimentos.

PITTA CASTELEJO

O F. C. P. nos Açores

A equipa do F. C. do Porto, que perdeu o primeiro jogo no Funchal por 4-2 e ganhou o segundo em S. Miguel por 5-1, tem sido cumulada de gentilezas. Para elas tem contribuído bastante o 1.º tenente de marinha Ernesto Alen, um desportista português muito considerado e que promoveu esta deslocação da equipa norte-nha.

Esta deve regressar em 10 de Junho.

ARCADIA DANCING DE LUXO

VARIEDADES às 0,30 e 2,15

EXITO ESTRONDOSO DO BALLET MONTENEGRO

GRANDE SUCESSO DE Viviane Lis

Mary Mely — Herm. Goyesca — Herm. Avilla
— Adoracion Rye — Herm. Baron — Luisa Royo
— Perla de Levante — Mary Arilla

DUAS ORQUESTRAS
Nocturnos e Arcádia

BICICLETAS

PARA HOMEM
SENHORA
e CRIANÇA

Peças sensacionais

Peçam tabelas

ARMANDO CRESPO & C.ª

R do Crucifixo, 116 e 124

Telef. 27027 — LISBOA

A equipa do POSEIDON de HAMBURGO

participou num festival em COIMBRA

O terceiro festival realizado em Lisboa com a colaboração dos nadadores alemães do Poseidon de Hamburgo manteve as mesmas características dos anteriores. Disputaram-se quatro provas internacionais, duas vitórias alemãs e duas portuguesas — Guenter Haase voltou a entusiasmar a assistência, desta vez com os seus desconcertantes saltos humorísticos e, no que toca ao jogo de «water-polo», a equipa germânica venceu por 7-5, com 4-1 no intervalo.

Os 100 metros-costas — ganhos por Eduardo Barbeiro na jornada de sexta-feira — foram agora conquistados por Hots (1 m. 14,8 s.), tendo o nadador do S. A. D. sido infeliz na última viragem e tendo-ne, também, embaraçado com a pista nos derradeiros metros. Daí, a sua marca de 1 m. 14,9 s. Borja e Surgey alcançaram bons tempos: 1 m. 15,2 s. e 1 m. 17,1 s.

A classe excepcional de Klein esteve, de novo, em evidência nos 200 metros-bruços, com o magnífico tempo de 2 m. 40 s. Como magnífica foi, também, a marca de Brockmann, em bruços clássico: 2 m. 55 s. Curiosa, entretanto, a luta travada entre os representantes do S. A. D., Luis Sebastião (3 m. 23,2 s.), Adriano Rodrigues (3 m. 24,4 s.) e Vasco Dias Pereira (3 m. 26,2 s.).

Na prova clássica de velocidade pura, nova e brilhante vitória de Fernando Madeira, desta vez em 1 m. 04 s. Bidrich (1 m. 07,4 s.) e Hots (1 m. 07,6 s.) animaram a corrida.

A estafeta de 10 x 33 metros-livres — a mais emotiva de todas as provas das três reuniões internacionais — encerrou o programa. Em segundo lugar até ao oitavo percurso, a equipa do S. A. D. pôde triunfar por dois décimos de segundo, graças às excelentes corridas de Barbeiro e de Madeira.

A equipa alemã deixou em Lisboa impressão agradável. Os seus dois elementos de maior projecção — Klein e Haase — conquistaram, de facto, e muito justamente, o público lisboeta. E o Algués e Dafundo, prestando mais um belo serviço à nataçao, só pode merecer louvores por mais esta iniciativa.

O Estoril conquistou a Taça «Dia Olímpico»

Com os valores mais representativos do Algués e Dafundo ocupados nas provas internacionais, o torneio dotado com a taça «Dia Olímpico» ganhou interesse e proporcionou boa luta clubista, tendo o trofeu sido conquistado pelo Estoril-Prata.

O clube da Costa do Sol triunfou nas seguintes provas: 100 metros-livres, homens — Albano Fidalgo, 1 m. 13,2 s.; 2 x 33 metros-bruços, clássico, homens — Vasco Ribeiro, Belmonte e Artur, 1 m. 14,2 s.; 3 x 33 metros, mariposa, homens — Rosado, Artur e Vasco Ribeiro, 1 m. 05,9 s.; 7 x 32 metros-livres, homens — Cisneiros, Belmonte, Oliveira, Lopes, Artur, Bravo e V. Ribeiro, 2 m. 17,7 s.

Automobilismo

A clássica corrida de 500 milhas, que todos os anos se efectua em Indianapolis (E. U. A.), foi interrompida a quatro quintos da meta, por motivo de mau tempo.

Trovoadas e aguaceiros violentos, desencadeados com fúria tropical, puseram em perigo os participantes.

O júri deliberou suspender o resto da prova e atribuiu o 1.º prémio a J. Parsons (velocidade média, 199,529 Km./hora), seguido de Bill Holland e Mauri Rose, mas a classificação só se fez depois de demoradas rectificações e correcções.

Condições de assinatura

Pagamento adiantado	
Custo por número	2\$50
3 meses, Esc.	32\$50
6	65\$00
12	130\$00

O Algués e Dafundo triunfou nos 2 x 33 metros, estilos, senhoras (Regina, F. Cunha e M. L. Malheiro, 1 m. 22,6 s.); nos 3 x 33 metros-livres, senhoras (Anália, Regina, e M. L. Malheiro, 1 m. 14,9 s.) e nos 2 x 33 metros, estilos, homens (Surgey, Trovão e Barbeiro, 1 m. 01,5 s.).

O êxito dos nadadores alemães em Coimbra

Coimbra, na época passada presenciou os nadadores e nadadoras do «Paris Université Club», inaugurou este ano a sua temporada natatória com um magnífico festival internacional, com a equipa do Poseidon de Hamburgo. A cidade de Mondego está, assim, de parabéns. A nataçao coimbricense, vivendo desta forma nova e importante jornada, pode bem encontrar nela o estímulo precioso e indispensável para encetar aquele período de revalorização e de progresso tão necessário, não só à nataçao local, como à própria nataçao portuguesa.

Além disso, outro ponto — e de capital importância — há a pôr em relevo: a inauguração da aparelhagem de filtros e tratamento da água da piscina municipal, melhoramento do mais alto interesse, e do qual é de inteira justiça, ligar o nome do dr. Alberto Sá e Oliveira, presidente do município coimbricense.

O programa desportivo compreendeu cinco provas internacionais. Os alemães venceram quatro e o S. A. D. — sem Eduardo Barbeiro — venceu apenas uma, a de 100 metros-livres, por intermédio de Fernando Madeira, em 1 m. 05 s.

Klein percorreu os 100 metros-bruços, em 1 m. 12 s. Hots, bem apertado por Franco do Vale, triunfou nos 100 metros-costas, com as marcas respectivas de 1 m. 16 s. e 1 m. 16,2 s.

O Poseidon de Hamburgo venceu, por margem folgada, as estafetas de 3 x 66 metros, estilos, e de 6 x 33 metros-livres.

Guenter Haase entusiasmou o público coimbrão, tal como havia entusiasmado o lisboeta, sendo muito aplaudido. E a reunião terminou com uma demonstração de «water-polo» por duas equipas mistas.

«ANUÁRIO DA NATAÇÃO» publicação recente da F. P. N.

Concretizando, finalmente, uma ideia que data de há alguns anos, a direcção da Federação Portuguesa de Nataçao, removendo dificuldades de ordem vária editou, há poucos dias, o primeiro número do seu «Anuário», que apresenta

excelente aspecto gráfico e reúne, nas suas noventa páginas, vastos motivos de interesse para os adeptos da modalidade. Assim, encontram-se nas páginas do «Anuário da Nataçao», entre outros, os seguintes assuntos: «Algumas regras higiénicas a observar pelos nadadores», interessante estudo do dr. Vasco Urpina; «A vantagem das piscinas para a aprendizagem dos exercícios natatórios e a sua necessidade para a prática regular da nataçao desportiva», por José Dias Pereira; a lista dos sócios honorários da F. P. N.; as entidades a quem a F. P. N. concedeu a medalha de «Serviços Distintos»; os nadadores — completos de acordo com o regulamento de 1942.

A segunda parte do «Anuário» — dedicada aos amadores de estatísticas — apresenta alto interesse, pois compendia, além dos campeões olímpicos de 1948, todos os campeões de Portugal, homens e senhoras, de 1921 a 1949; os campeões regionais de 1949 — Lisboa e Funchal —; os resultados dos festivais com equipas estrangeiras; os records do Mundo em 1/10/49; os records da Europa em 31/12/49; os records de Espanha em 31/12/49; os records de Portugal, homens e senhoras, em 31/12/49, para todas as categorias e os records olímpicos em 1948.

Além de muitos outros pormenores, que tornam o «Anuário» da F. P. N. elemento indispensável de consulta a quantos se interessam pela nataçao e a ela andem ligados, insere ainda, na sua recente redacção, o texto das regras do «water-polo».

Companhia Colonial de Navegação

Assegura o serviço regular de passageiros e carga para a África Portuguesa e Brasil

e de carga para a América do Norte

PANSER-RINGEN

O MAIOR

DEFENSOR DO AUTOMOBILISTA

PANSER-RINGEN

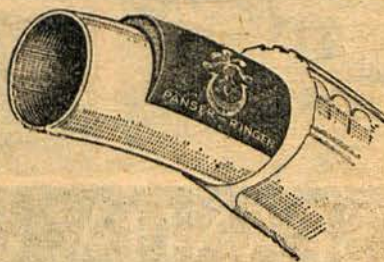
EVITA OS FUROS NAS CÂMARAS DE AR E PERMITE UTILIZAR OS PNEUS MESMO QUANDO ESTES JÁ TENHAM AS LONAS REBENTADAS! CINTAS INTEIRIÇAS PARA TODAS AS MEDIDAS — PROLONGA A DURAÇÃO DOS PNEUS EM MAIS DE 80 %.

Agentes exclusivos para Portugal e Colónias

SOCIEDADE PRODUTOS DE ANGOLA, L.DA

RUA CORPO SANTO, 16, 3.º . TELEFONE 3 2673 . LISBOA

DEPÓSITO: RUA FERREGIAL DE BAIXO, 27



O 4º CAMPEONATO DO MUNDO DE FUTEBOL



A seleção do Chile constituída por Alvarez, Busquets, Carvallal, Livingstone, Farias, Roldan e o massagista, de pé; Maynes, Cremachi, Robledo, Miños e Dias.



Junto à grande área inglesa Aston, tranquilamente, prepara-se para despachar a bola ante o olhar culmo de Ramsay e Wright. De notar a expressão enérgica do avançado-centro Robledo.



O segundo golo da Inglaterra marcado por Mannion, deslocado para a meia-esquerda. Finney havia fingido quantos adversários lhe surgiram e ante o recuo da defesa chilena não hesitou... Tirando um primoroso scintor pernaín que Mannion, de cabeça, ludisse a vigilância do seu marcador, fazendo o segundo e último golo. A expressão de Livingstone é de desespero, mostrando-se impotente para parar o golpe. No cacho de jogadores destaca-se o n.º 9 (Bentley).

Entrevistas relâmpagos

OS CHILENOS SATISFEITOS

Dentro do vestiário dos chilenos o momento era de boa disposição e mesmo alegria. Todos consideravam a derrota como das mais honrosas. Todos os jogadores se mostravam contentes. Robledo era talvez aquele que mais aborrecido se mostrava, lamentando a todo o instante a sua pouca sorte na penalidade que marcou e a trave defendeu.

— Vi um buraco na barreira, disse-nos, e não tive dúvidas. Era por ali mesmo que a bola devia entrar. Simplesmente, o balão passou por Williams e bateu no poste. No entanto acho que não nos comportamos mal diante de uma seleção tão categorizada como a inglesa.

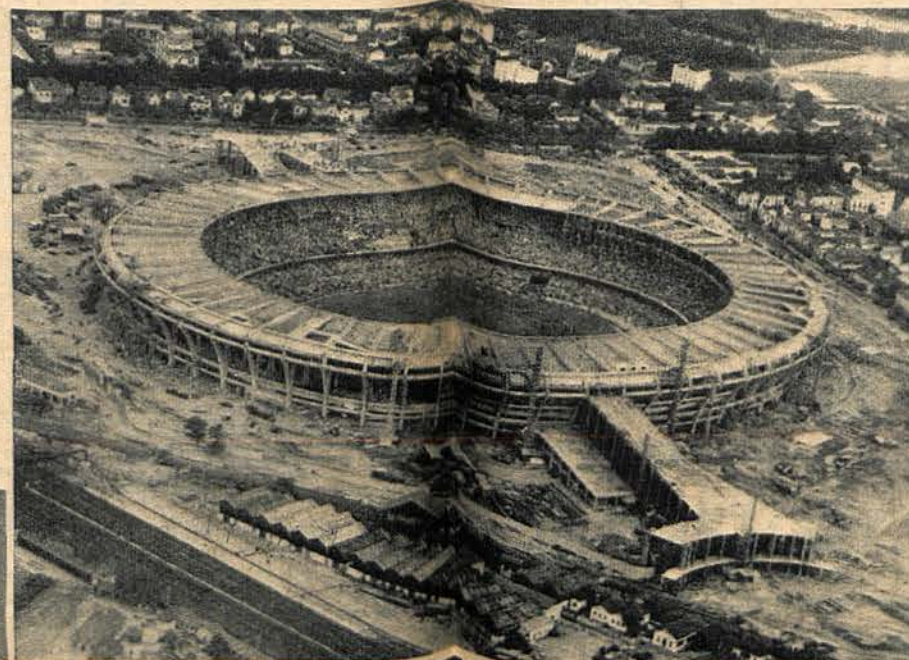
O técnico Bucciardi afirmou-nos que achou os seus rapazes bastante infelizes. Poderiam ter sido mais positivos, muito especialmente na primeira parte quando tiveram a vitória ao seu alcance devido ao maior entusiasmo. A seleção inglesa é de facto extraordinária e a vitória assenta-lhe bem. Da minha parte estou satisfeito com o rendimento da equipa.

C. A.

DISPUTA-SE NO BRASIL E É SEGUIDO COM INTERESSE EM TODOS OS PAÍSES

Inglaterra	2	Chile	0
Espanha	3	Estados Unidos	1
Jugoslávia	3	Suíça	0
Suécia	3	Itália	2

O estádio municipal do Rio de Janeiro, numa surpreendente visão no dia da inauguração.



Entrevistas relâmpagos

O MAIOR FEITO DO FUTEBOL SUECO

segundo o técnico Kock

Depois da surpreendente vitória conquistada ante a «Squadra Azurra» não será difícil avaliar-se o entusiasmo que ia nas cabines dos suecos, entusiasmo do qual participavam todos os dirigentes e até o consul sueco no Rio de Janeiro, sr. Per Soedberg, que se havia deslocado a São Paulo propositadamente para ver jogar os seus rapazes.

Lágrimas de felicidade eram derramadas por alguns, enquanto outros cantavam em unisono o hino do seu país que mais uma vez conquistara uma vitória a todos os títulos sensacional. O ambiente era de alegria estonteante, e enquanto os jogadores das outras seleções findo os encontros se limitam a tomar «guaranás» e águas minerais os escandinavos começaram ali logo comemorando o feito — regando-o a cerveja. Impunha-se por isso ouvirmos o técnico da equipa, sr. Kock que se mostrava radiante.

— É certo que conquistamos em 1948 um título olímpico, declarou-nos, mas o certame de Londres não tinha o âmbito de um Campeonato Mundial. Para mim esta foi a maior façanha cometida e que ficará gravada na história do futebol sueco. — C. A.



A seleção sueca já considerada como a Seleção Fantasma. De joelhos — Samuelsson, Anderson, Svensson, Nilson e Nordau. De pé — Gard, Sundqvist, Palmer, Jepserson, Skglund e S. Nilson.



O segundo golo da Itália marcado por Mucinelli. Svensson ainda tentou a defesa, mas a sua estirada resultou inútil.



Sentimenti IV defende acoçado por um atacante sueco.

ESPAÑHA, 3-ESTADOS UNIDOS, 1



A seleção «brincalhona» dos Estados Unidos que pregou um violento susto aos espanhóis. Note-se o à-vontada e a despreocupação com que pousaram ante o fotógrafo. Da esquerda para a direita: Mc. Ilveny, Colombo, Woolanin, Borghi, Maca, Harry, Hahr, John Sousa, Pariani e Wallace.



Num ataque da seleção de Espanha, Zarra finaliza de cabeça, sem resultado.

JUGOSLÁVIA, 3-SUÍÇA, 0



Junto à grande área suíça, os atacantes jugoslavos preparam-se para conduzir o terceiro golo da sua equipa.



Grupo da Suíça — Quinche, Aggiman, Luzenti, Boquet, Nenri e Stuber, de pé; Bickel, Antenen, Tomini, Bader e Fatton.

NOTA DA SEMANA

WIMBLEDON está em crise. O grande cenário do ténis amador, durante longos anos verdadeiro símbolo das competições austeras e impeccáveis, tornou-se uma espécie de ponto de reunião de snobs, arriscando o seu immaculado carácter.

O jornalista J. L. Manning, ao referir-se a essa reviravolta comprometedora, diz que o torneio é uma parada de elegâncias — no sentido de Ascot — quando deveria possuir a singeleza do Derby, de Epton, para conservação integral do mérito.

No intuito de reformar as tendências apontadas, o secretário da Associação Inglesa de Ténis proibiu quaisquer concorrentes de escreverem artigos sobre o desenrolar dos «matches» e, bem assim, de ceder os seus nomes para reclamos de qualquer natureza. O amadorismo proíbe tais práticas de modo formal; assim, de duas uma: ou as regras devem ser alteradas ou a legislação respeitada à risca.

Várias senhoras americanas, concorrentes ao campeonato, entre as quais Gussie Moran, a discutida inovadora dos calções com folhos de renda, a Sr. Pat Todd e Nancy Chaffee, manifestaram a sua surpresa pela ameaça. Dirigiram-se ao presidente da Federação Internacional, querendo saber como este organismo encarava o gesto dos dirigentes britânicos, mas a resposta não as livrou de apuros.

Em face das realidades, sugestam-se. De contrário passariam a ser profissionais e isso não lhes traria a menor vantagem... financeira!

★

Os jornalistas britânicos actualmente no Rio de Janeiro, onde seguem com particular interesse as fases do Campeonato do Mundo, manifestam o seu pasmo pelas cenas ocorridas à volta dos jogos. No dizer de John Graydon, o desafio inaugural, entre brasileiros e mexicanos, pareceu uma fita cômica dos irmãos Marx e o entusiasmo da plebe, dentro do gigantesco Estádio da Municipalidade, equiparou qualquer sensacional desafio de Wembley quando se disputa a Taça de Inglaterra, a um vulgar pic-nic entre «solteiros» e «casados».

Mas, de todas estas maneiras de ver os costumes de outros povos, sempre fica o reconhecimento do esforço notável do Brasil, pelo êxito da prova grandiosa. Tudo se fez para rodear, o certame, do êxito próprio e se existem deficiências — evidentemente que as há — elas são bem menores do que as provas opostas.

A nota sensacional de maior vulto foi a derrota do onze inglês pelos americanos, cuja selecção compreende os irmãos Sousa, de ascendência bem portuguesa. Impeccáveis jogadores, que se tinham revelado durante os Jogos Olímpicos de Londres, em especial Joseph no papel de interior direito, deve-se-lhes grande quota parte no resultado.

Assim, mesmo por forma indirecta, é grato verificar como a fibra do músculo lusitana aparece no primeiro plano dos grandes acontecimentos.

★

SUCEDEU em França um caso, felizmente raro, de ladrocinha e suborno praticado por um desportista.

O tribunal correcional de Toulouse condenou Bernardo Pons, excelente guarda-redes do clube Pont-des-Demoiselles, a dois anos de cadeia pelo roubo de 13 velocípedes. Durante a inquirição, o arguido confessou que recebeu 2.000 francos (quantia aliás irrisória) para deixar entrar as bolas apontadas pelos dianteiros da Jeunesse Sportive de Carbone. O tribunal, porém, declarou-se incompetente no assunto e não procedeu.

O facto indignou tanto os habitantes de Pont-des-Demoiselles que os dirigentes do clube querem pôr em juízo uma nova acção contra o antigo e infiel jogador, acção dispendiosa e de resultados duvidosos, apenas levada por diante para prestígio da ética.

RAFAEL BARRADAS

AUTOMOBILISMO

MUITAS são as invenções que se têm feito em defesa do automobilismo, e uma das mais importantes, muito embora só recentemente esteja a ser introduzida no nosso país, é, sem sombra de dúvida, a das cintas «PANSER-RINGEN».

Apesar de sua recente divulgação entre nós, é cada vez maior o número de automobilistas que se tornam seus adeptos, concluindo que, na verdade e sob vários aspectos, elas são o seu mais acérrimo defensor.

Do uso das já reputadas cintas protectoras «PANSER-RINGEN» resulta, a defender, não só da economia dos automobilistas, mas ainda da sua própria vida contra os accidentes de estrada.

Com efeito, grande percentagem dos accidentes que se verificam são devidos a derrapagens ocasionadas por furros das câmaras de ar, provocados por qualquer objecto perfurante que tenha furado o pneu ou pelo trilhamento causado pela rotura das lonas.

Usando-se as cintas «PANSER-RINGEN», que são montadas entre o pneu e a câmara de

ar, evitam-se tais precauções, conforme nos foi dado verificar, e a duração dos pneus e câmaras de ar será aumentada entre 50 a 100 % sem que enduereça o pneu ou provoque qualquer trepidação.

Além disso, o seu uso permite ainda a utilização de pneus que, devido ao estado das lonas, haviam sido postos de parte como inutilizáveis.

A Agência geral deste famoso produto dinamarcado foi entregue à Sociedade Produtos de Angola, Lda., com sede em Lisboa, na Rua do Corpo Santo, 16, 3.ª, em regime de exclusividade para Portugal e suas Colónias, União Sul Africana, África Equatorial e Ocidental Francesa e Congo Belga.

Estas cintas são permanentemente usadas pelas principais organizações automobilistas e de camionagem da Suécia, Finlândia e Dinamarca e pela quase totalidade dos participantes dos mesmos países.

Dado o êxito que estão obtendo, estamos certos que em breve, em Portugal, também estará generalizado o seu uso, que, em muitos serviços deveria ser mesmo obrigatório.

PROVAS DE TENIS

Está decorrendo, com o habitual entusiasmo, o clássico torneio de Wimbledon. Reuniu, como sempre, um núcleo brilhante de concorrentes, masculinos e femininos, vindos de todos os países.

Noutro lugar fazemos referência às características actuais do certame, reservando para aqui a informação sobre os seus resultados.

Contrariamente a uma tradição antiga, os primeiros dois dias de provas terminaram sem a eliminação de qualquer dos favoritos: Drobny, Sidwell, Geff Brown e Mae Gregor passaram ao segundo turno sem perder uma só partida mas Seixas, Mulloy e Patty tiveram que disputar quatro, antes de se desembrarem dos adversários.

No segundo dia do torneio, o veterano Harry Hopman derrotou o norte-americano Kurt Niel-

sen, em 3 partidas. Se este resultado não constituir, propriamente uma surpresa, pode, entretanto, classificar-se como notável para a lãde do australiano.

Os imprevistos iniciaram-se com a eliminação do americano Trabert, batido pelo inglês Mottram, e do australiano Worthington, que abateu o pavilhão diante do sueco Johansson.

Devolveu bolas quase impossíveis, terminando em vencedor, por 6/1, 6/4, 6/1.

O jovem australiano Worthington, vencido em 5 partidas, lutou com grande ânimo, e só aceitou a derrota por 6/7, 6/2, 4/6, 6/2, 6/8.

A grande figura do grupo das «senhoras» é a americana Miss Doris Hart, recente vencedora de Mrs. Osborne du Pont, no torneio do Queens Clube, por 4/6, 6/4, 6/4.

ALB
L.A.T.



Habilite-se ao grande concurso
RAINHA POR UMA SEMANA

PATROCINADO PELA MAIS FAMOSA PASTA
DENTÍFRICA DE TODOS OS TEMPOS

AMOREX

- A MELHOR PASTA DENTÍFRICA EXISTENTE NO NOSSO PAÍS, QUE REUNE A ASSOCIAÇÃO DE TRÊS PRODUTOS: CLOROFILA E FOSFATO DE AMONIA E UREIA.
- A ÚNICA PASTA AMONICAL QUE EVITA REALMENTE A DECADÊNCIA DOS DENTES. CÁRIE DENTÁRIA, GENGIVITES, ETC.
- NO SEU PRÓPRIO INTERESSE USE DIARIAMENTE AMOREX.

AMOREX

A PASTA DO FUTURO

★

OÍÇA TODAS AS 4.ª E 6.ª FEIRAS NOS PASSES-TEMPOS APA, TRANSMITIDOS POR RÁDIO CLUB PORTUGUÊS ÀS 21 HORAS, O PROGRAMA AMOREX, NO QUAL SERÃO DADOS TODOS OS ESCLARECIMENTOS SOBRE ESTE INTERESSANTE E ORIGINAL CONCURSO.

Dirigentes e jogadores da JUGOSLÁVIA

declararam à chegada ao Brasil:

— VAMOS SER CAMPEÕES DO MUNDO

A delegação jugoslava que participará da Copa do Mundo chegou ao Brasil. Em torno da famosa seleção que terá de defrontar o «leven» brasileiro no seu terceiro compromisso da Série formou-se uma expectativa e um interesse tão grandes que levou ao Aeroporto do Galeão dezenas de desportistas ansiosos por conhecerem os atletas europeus.

A esse interesse estão intimamente ligados os anteriores encontros disputados entre as duas seleções em número de três e nos quais o Brasil somente em um levou vantagem.

O primeiro encontro foi realizado em Montevideo por ocasião do 1.º Campeonato Mundial e terminou com a vitória dos jugoslavos por 2 a 1, e que levou os brasileiros à eliminação. Terminado o Campeonato foi concertado um novo encontro no Rio de Janeiro, e os brasileiros tiraram a desforra infligindo aos jugoslavos uma derrota de 4 a 1. Mais tarde, em 1934 e em Belgrado, a supremacia voltou para o poder dos jugoslavos que venceram os brasileiros pelo extravagante score de 8 a 4. Pois, agora, o sorteio do Campeonato mundial acasalou Brasil e Jugoslávia na mesma série e pensa-se na desforra daqueles 2 a 1 que contavam para o Campeonato Mundial.

A classificação dos jugoslavos

A seleção jugoslava para se classificar para as séries finais teve uma pesada tarefa. Coube-lhe jogar 5 vezes. Contra Israel, nos dois encontros disputados, venceu por 5-0 e 5-2. Depois, perante a França, consentiu dois empates o que deu origem à necessidade de um terceiro jogo em Florença e no qual os franceses somente na prolongação baixaram bandeira. Assim, com 3 vitórias e dois empates conseguiu a Jugoslávia o seu apuramento para as finais. Na sua Série, a Jugoslávia defrontou primeiro a Suíça a quem venceu por 3-0 e depois o México, ganhando por 4-1. Estes resultados dão ao encontro de 1 de Agosto, contra o Brasil, uma importância transcendente.

O seu «palmarés» internacional

Os jogadores jugoslavos são na sua quase totalidade famosos na Europa. Praticantes de um futebol de classe, eficiente sem ser vistoso, trabalhando mais para o conjunto do que individualmente, têm alcançado triunfos bastante expressivos a par de outros bem modestos. Dizem-nos as estatísticas da Federação Jugoslava que

a sua seleção já actuou 140 vezes, tendo vencido 62 encontros empatado 21 e perdido 57 com um total de 312 golos contra 307.

Os jogadores incritos

Para a Copa do Mundo a Jugoslávia inscreveu os seguintes jogadores: — Srdjan Mirkusik, Vladimir Beara, Branislav Stankovic, Ivan Hovart, Ratko Colic, Bozo Broketa, Miofrag Jovanovic, Ervin Katnic, Zlatko Tchajkoviski, Fredag Djajic, Bela Palfi, Aleksander Atanackovic, Ivo Radovic, Bernard Vukas, Tihomir Ognjanov, Jelko Tchajkoviski, Prvoslav Mihajilovic, Ratko Mititic, Sthefan Bobek, Sinisa Zlatkovic, Kosta Tomasevic e Vladimir Firm.

Dos convocados aqueles que mais cartaz internacional nos apresentam são o meia-direita Stefan Bobek, os irmãos Tchajkoviski, Zlatko (meio-direito) e Jelko, (meia-esquerda) considerados como os mais completos jogadores da Europa Central. O avançado-centro Mitic, apesar de muito jovem, é possuidor de um tiro impressionante.

* * *

Chegaram e logo de saída, após pisarem terra brasileira, rodeados pela reportagem os jugoslavos deixaram-nos boquiabertos pela forma como afirmavam: Não conhecemos o jogo do Brasil, mas vamos ser Campeões do Mundo... Bobek, considerado o mais perigoso atacante da seleção, meia-direita, é de todos o que se mostra mais sorridente e otimista. E os dois irmãos Tchajkowski são os que mais despertam a atenção dos adeptos. Diz-se que os jugoslavos se preparam para dar «bailles» durante o campeonato mundial de Futebol. Todos os jogadores se mostram em plena forma atlética e dentre eles destacamos o guardaredes Mirkussik, que com o seu 1,90 de altura, se distingue dentre todos pela sua compleição atlética.

Servindo-nos do intérprete continuemos pretendendo recolher apreciações e até alguns comentários jocosos à mistura...

O técnico Brocitch, comedido nas suas declarações, afirmou-nos que a actual situação do seleccionado jugoslavo é das melhores. Estamos jogando mais que durante os Jogos Olímpicos em que fomos vice-campeões — disse-nos: — O recente encontro com os suíços provou que vamos ser adversários muito difíceis para qualquer seleção e que todos terão de jogar muito contra nós para ganharem...

Dentre os delegados que acompanham a equipa encontramos



A seleção da Jugoslávia que derrotou facilmente a Suíça por 3-0: Mitic, Janovitch, Tchajkovsky, Itankovisk, Ognjanov, Horvat e Mirkusik, de pé; Daich, Tomacevitch, Bobek e Cukac

um antigo jugoslavo que já defrontou o Brasil: Milorad Arsenievitch, actual presidente da Federação do seu País e que formava a meio-direita. O dirigente eslavo disse-nos que a grande arma dos jogadores brasileiros será a rapidez, mas que a sua equipa foi preparada técnica e psicologicamente para se opôr às investidas dos adversários por mais rápidos que estes sejam. Depois de tantos anos de interregno será interessante verificar qual dos dois — Brasil e Jugoslávia — progrediu mais.

Eram quase 0 horas e os «cracks» exigiam a partida para o hotel Paissandu onde ficarão instalados. Ali mesmo, no Aeroporto do Galeão, foi marcado um treino para o dia seguinte no estádio do Fluminense para conhecimento do terreno que, no Brasil, é duro, em contraste com os europeus que na sua quase totalidade são de piso bastante macio.

E lá seguiram encantados pela oportunidade que tiveram de conhecer um país da América do Sul. — CANDEIAS ALVAREZ

CASA ALIANÇA BANCÁRIA, L. DA

SAQUES, CAMBIO,
MOEDAS E PASSAGENS

AV. RIO BRANCO, 13-A
END. TELEGR.: «TOPIN»

TELEFONES 43-7630
23-2215

RIO DE JANEIRO

Barreira de temas

TAUROMAQUICOS

Ao Lado da "Inteligência"

Aparício, Ordoñez e Manolillo Vasquez

LITRI e APARÍCIO vieram modificar o panorama tauromáquico, alterando normas, substituindo por novilhadas as corridas de touros de muitas Feiras, alvorçando o próprio público de Madrid em consecutivas enchentes.

Escrevemos já que nesta revolução entra como importante factor a ansia de novidade, característica desta época em que se vive mais depressa. Por outras palavras: não é que os matadores actuais tenham desinteressado, mas sim que o público já os viu, e agora quer ver outros. E estes outros são em primeiro lugar, Litri e Aparício, mas também Antonio Ordoñez, filho do «Niño de La Palma», e Manolito Vasquez, irmão de Pepe Luis.

Ordoñez toureia com rara profundidade, extraordinário «temple», da melhor qualidade, e Manolito Vasquez, que tem muito da graça do irmão, enlouqueceu os madrilenos em duas tardes verdadeiramente triunfais. Por estes dias vão os quatro encontrar-se em Madrid, e até ao final da época veremos como estes dois definem as suas posições.

Litri e Aparício já as têm bem definidas, e receberão alternativa ainda este ano, estando ambos destinados a ocupar destacado lugar nas corridas do ano que vem. E surgirão novos motivos de discussão, de interesse, porque a festa de touros não morre, como já rectificou o dr. Marañon que lhe profetisara próximo fim.

Lisboa já aplaudiu Aparício em duas tardes, numa das quais brindou uma faena de «muleta» a quem estas linhas escreve e obteve assinalado êxito. Júlio Aparício, que nasceu em Madrid, está formado por um cordovês, o antigo matador de touros «Camará», que o tem talhado à maneira do grande Manolete. Isto não quer dizer que Aparício não tenha personalidade própria, mas sim que está integrado na boa ética, toureando com pulcra limpidez e perfeita exactidão, e com pundonorosa valentia. Vimo-lo em Badajoz cortar duas orelhas, rabo e pata, com admirável «rabia» que levou ao ponto de simular levantar da arena a «montera» que ali tentara deixar e que o público não admira por não ter o toureiro feito faíra ao 1.º, um manso.

Miguel Baez «Litri» é um toureiro de Huelva, motivo da simpatia do cronista por ser esta a provincia dos seus avós. A sua característica é a valentia, estoica e com tal vibração que electriza os públicos. Vendo-o, jugamos ter resuscitado aquele outro «Litri», irmão deste, pelo sangue e pela valentia. E vem-nos à memória um facto que dará ideia do que



era a sua valentia. Foi em 1925, no dia duma Corrida da Imprensa que em Madrid toureou com Inácio Sanchez Mejias, outro valente, que teve o mesmo fim.

Regressávamos com António Cañero duma corrida que este toureara em Segóvia e, ao chegarmos à estação do Norte, ficámos num «merendero» de Bombilla, de onde telefonámos a Sanchez Mejias, que estava no Palace, convidando-o a vir jantar connosco. Estamos vendo a chegada de Inácio, toldado pela ideia de ter sido concedida ao «Litri» a orelha de ouro que nessa tarde se disputara. Sem mais palavras, sentou-se e disse-nos apenas isto: «No se puede con ese niño!»

Isto, dito por um valente como Inácio Sanchez Mejias, dá ideia do que era o pobre «Litri», como ele vítima da valentia. Foi em Março de 1926, no ano seguinte e António Cañero começava a convalescer dum ataque de peritonite que o teve às portas da morte. Os médicos haviam recomendado que lhe evitássemos qualquer impressão forte, quando de Malaga chegou a noticia da morte de «Litri», depois de lhe ter sido amputada uma perna, o que não impediu que alastrasse a gangrena. Escondemos os jornais durante três dias, mas Cañero acabou por descobrir o que lhe ocultávamos. E pelo seu rosto, emagrecido pela doença, deslizaram duas lágrimas, as que um valente dedicava a outro valente.

Estas são as duas recordações que na nossa memória desperta a presença do «Litri» de hoje, tão valente como aquele, e a quem desejamos melhor sorte.

ROGERIO PÉREZ

DENTRO DE DOIS ANOS PORTUGAL SERÁ UM VALOR NO CICLISMO da EUROPA

afirmou-nos o sr. José Saura

«manager» espanhol de ciclismo

O INTERCAMBIO LUSO-ESPANHOL

FALAMOS de José Saura, a propósito dos corredores belgas Brunell e Buysse, que ele trouxe, de Barcelona, para os festivais de Lisboa e do Porto. Não seria por isso necessária nova apresentação. Mas, porque nos parece interessante revelar as suas opiniões acerca do intercâmbio luso-espanhol, vem a propósito juntar algumas notas biográficas. Foi corredor de bicicleta de valor; e chegou a campeão de Espanha, em estrada, nos anos de 1922, 1926 e 1927. É «manager» desde 1930, ou seja desde que abandonou a actividade como corredor. Dedicou-se, mais tarde, a treinador em provas de ciclismo de meio-fundo, atrás de «motos», contribuindo para o triunfo no campeonato de Espanha, em sete vezes. José Saura completou cinquenta anos num dos dias que passou agora em Lisboa. É uma idade em que a experiência produz seus efeitos.

José Saura, que é um apaixonado pelo ciclismo, tem três filhos a correr em Espanha: Gabriel, de vinte e dois anos, profissional, que, formando equipa com Gual, bateu, no ano passado, em Barcelona, uma equipa formada por Fausto Coppi e Adriani; Jesus, de vinte anos, campeão catalão de indepen-



José Saura e seu filho mais velho, Gabriel, corredor profissional

dentes; e José, com dezoito, ainda amador, também campeão regional, nessa categoria.

José Saura acompanha, pois, de perto, o ciclismo em Espanha. E acompanha, também, o labor dos nossos corredores. Conhece bem os que têm nome feito. E conheceu desta vez um grupo de novos que o levaram a ficar com boa impressão acerca das perspectivas do ciclismo, em Portugal. A ideia de dar a forma de entrevista à nossa conversa resultou, mesmo, dessa impressão. Foi de facto tão lisonjeira que mereceu registo:

— Portugal tem, agora, um núcleo esplêndido de gente nova. Em Lisboa, gostei imenso de Raposo Nicolau e Trindade. No Porto, vi um rapaz de muita

(Continua na página 14)



Um salto de «Mondina» conduzida pelo cap. Guedes Campos



A «Mondina» montada pelo cap. Carvalhos

O venerando Chefe do Estado, sr. marechal Carmona, recebeu na pretérita quarta-feira, no Palácio de Belém, os hospedeiros campeões do Mundo, com quem conversou durante alguns minutos, felicitando-os pelo seu notável feito. Acompanhavam os desportistas — além do inspector Apala Boto — o sr. cap. Santos Romão, presidente da F. P. P., e o árbitro Américo Rombert.



Guedes de Campos que se encarregou da sua apresentação e a fez inscrever logo nesse ano em Cascais.

Em 1948 obteve em Portugal o seu primeiro prémio o 2.º lugar do Grande Prémio de Mafra — com um percurso brilhante e finda a época averbada no seu «palmarés» 10.000 escudos em 12 classificações. No ano seguinte foi incluída no grupo de montadas da equipa nacional e, conduzida pelo mesmo cavaleiro, triunfou em Paris na prova «Bosque de Bolonhas». Ganhou ainda o 1.º lugar na prova «Regularidades das Caldas da Rainha», e o 2.º nos «Grandes Prémios de Mafra e Lisboa», «Regularidade» de Madrid, «Taça das Nações» de Lisboa e «Omnium» das Caldas. Ao terminar a época estava classificada em 4.º lugar entre os maiores ganhadores, com 16 prémios no valor de 14.612\$50.

A vinda para Caxias do capitão Guedes de Campos levou o capitão Barreiro, Delegado do Ministério da Guerra, a distribuir a «Mondina» a outro concurrista brilhante — o capitão José Carvalhosa.

A égua parece não ter estranhado a mudança de mão e continuou a figurar sempre entre os premiados arrancando nos quatro primeiros Concursos do ano três vitórias («Omnium» e «Federação Equestre», em Lisboa e «Omnium» de Évora) bem como nada menos de seis 2.ºs lugares entre os quais os da «Generalíssimo» e «Grande Prémio» e «Taça de Honra», de Lisboa.

Eis a largos traços o palmarés de «Mondina» que já obteve esta época 15 prémios e que tudo indica que venha a ser o animal mais premiado de 1950.

Égua de categoria internacional e de reconhecida classe, atingiu boa craveira entre os nossos cavalos de obstáculos. Do seu valor e da sua actuação muito há ainda a esperar atendendo à sua idade, ao sangue de «Veloz» que lhe corre nas artérias e ainda à sua categoria de saltadora brilhante e generosa.

ANTAS TEIXEIRA

“MONDINA”

será o maior ganhador do ano?

«Mondina», a magnífica égua anglo-árabe adquirida numa remonta especial, feita em 1947, parece ser esta época a montada que reunirá maior volume de prémios, isto se atendermos à sua excelente forma e à verba já ganha nos quatro Concursos em que tomou parte.

O conjunto de excelentes classificações que obteve em Lisboa, Madrid, Mafra e Évora, colocaram-na à frente de todos os cavalos portugueses e os prémios pecuniários conquistados atingem uma verba muitíssimo superior àquela ganha pelo irlandês «Rama», que actualmente ocupa o 2.º lugar entre os maiores ganhadores da época.

«Mondina», foi adquirida em França pelo sr. coronel Mousinho de Albuquerque, juntamente com «Mongua», «Montijo», «Monfortes» e «Mondiego».

Neta do famoso «Veloz» a égua tinha na origem o nome de «Koufra», tendo vindo para o nosso país com sete anos.

Anglo-árabe castanha, de boa estampa, apesar de aspecto mais débil do que qualquer dos cavalos adquiridos naquela remonta, «Mondina» foi logo entregue ao grande concurrista capitão José

Na pista do Estádio «José Alvalade», efectuou-se no último sábado, uma animada reunião velocipédica, de que apresentamos dois aspectos: 1) uma fase da «uma hora à americana» e 2) o momento em que Raposo comandava o «criterium» de juniores.



A CERVEJA é a
minha bebida preferida

Henrique Bar David

UM COPO DE CERVEJA
É UM COPO DE SAÚDE

O simpático e prestante Casa Pia Atlético Clube — agora em festa pela passagem do seu 30.º aniversário — reuniu, no pretérito sábado, num banquete de confraternização, grande número de associados, atletas, dirigentes e figuras prestigiosas da colectividade. Foi uma festa tipicamente casapiãna.

Acácio Rosa, seleccionador regional e nacional de andebol, recentemente agraciado pelo Governo francês com a medalha de ouro de Educação Física e Mérito Desportivo, foi na passada sexta-feira homenageado com um banquete, prétexto admirável para realçar, mais uma vez, as suas inegáveis qualidades de desportista do melhor quilate.



CLUBE DE FUTEBOL "OS BELENENSES"

NÃO foram felizes os «azuis», não época finda. A 4.ª classificação que vieram a obter era o melhor a que podiam aspirar, em vista da carreira pouco brilhante do «conze», na maior parte da magna competição.

O Belenenses perdeu, com uma regularidade impressionante muitos pontos fora de casa. Ora, é sabido que é no campo do adversário, que se prova o valor acima do vulgar...

Avulta ainda o pormenor, um tanto estranho, de ter sido a equipa de Belém aquela que menos golos meteu em todo o Campeonato.

Isto diz bem da dificuldade que o Belenenses experimentou em manter-se num plano compatível com a sua tradição na prova, em virtude do fraco rendimento da sua linha ofensiva.

Os jogadores

A entrada de Bravo para o sector atacante do «team» azul valorizou-o, sem contudo lhe dar aquele poder realizador que falta ao Belenenses há tanto tempo.

Sidónio, só por si, não resolve o problema. É o tipo de avançado-centro pródigo em remate, mas dependente quase por completo do trabalho dos companheiros. Além de que está perdendo faculdades, mesmo assim foi, de longe, o melhor marcador do «team» e figurando entre os 20 melhores de todo o torneio.

Diógenes, um estreante na equipa de Belém, não foi um jogador de grandes rasgos, mas de certo poderá ir mais longe do que foi até aqui...

Narciso — a confusão personificada — é um elemento útil, alardeando uma virtude sempre grata aos partidários da sua equipa — o seu indómito espírito combativo, que nunca verga, coram as coisas mal ou bem!

Duarte tem, na sua carreira prometedora, um escolho difícil: a condição física. O seu êxito dependerá dela inteiramente.

Pinto de Almeida merece uma referência especial. Este rapaz é por ventura um dos melhores elementos do «conze» belenense. Possui recursos técnicos que não são de desprezar — nem de «queimar»... É ingrato jogar numa equipa que não consegue impressionar pelo seu fraco poder atacante. Não nos admira que Pinto de Almeida tivesse brilhado a médio de ataque. É talvez aquele o lugar que lhe está indicado — mas quem o irá substituir na linha avançada?

A defesa e meia-defesa, dão menos motivos para apreensões. De um modo geral, o seu poder diminuiu um tanto, pois é hoje superada, pelo menos, pela do Benfica e F. C. Porto. O prestígio das célebres «Torres de Belém» está um pouco abalado, mas infundem ainda muito respeito...

Feliciano, depois de um período de franca baixa de forma, recuperou, voltando a ser o pilar da

equipa. Figueiredo fixou-se definitivamente no lugar de defesa direito, e é natural que não o largue tão cedo. Serafim, o «capitão» da equipa, foi o único belenense selecionado na época finda. O que é significativo...

Estatística

O Belenenses totalizou no Campeonato findo 10 vitórias, 7 empates e 9 derrotas. Em bolas, 36 marcadas contra 41 sofridas.

Números modestos para uma equipa da envergadura dos «azuis». Avulta o pormenor de ter sido o Belenenses o «team» com menos golos marcados.

O avançado-centro Sidónio foi o melhor marcador da equipa, tendo obtido 12 tentos. Pinto de Almeida e Narciso marcaram 5, Duarte, 4; Diógenes, 3; Feliciano e Rocha, 2; Jordão, Bravo e Garnacho, um cada.

No «palmarés» do Belenenses, na prova, figuram: um 1.º lugar (1945-46), um 2.º (1936-37), sete 3.º e cinco 4.º (cifras significativas...), e uma 5.ª e uma 6.ª classificações, respectivamente em 1937-38 e 1943-44.

Em 304 jogos, os «azuis» totalizaram 179 vitórias, 43 empates e 82 derrotas, 880 golos a favor e 434 sofridos.

A título de curiosidade, damos os melhores resultados de desafiados em cada ano: 1934-35: 7-0 (Académico); 1935-36 8-0 (Académica); 1936-37: 9-0 (Leixões); 1937-38: 5-0 (Académica); 1938-39: 8-1 (Académica); 1939-40: 9-0 (Leixões); 1940-41: 13-0 (Cuf) 1941-42 9-0 (Leça); 1942-43: 12-0 (V. Guimarães); 1943-44: 6-1 (Salgueiros); 1944-45: 14-1 (Salgueiros) e 15-2 (Académica); 1945-46: 10-0 (Oliveirense); 1946-47: 8-0 (Famalição); 1947-48: 7-0 (Boavista); 1948-49: 7-1 (Atlético); em 1949-50, os «azuis» não foram além de vitórias por duas bolas de diferença, contra vários adversários.

VASCO S. SANTOS

O CICLISMO ESPANHOL

e o seu programa para 1951

(Continuação da página 12)

habilidade — Barbosa (António Alves Barbosa). Não deve demorar muito a subida dos quatro ao primeiro plano. Talvez ainda esperanças, por enquanto. Mas realidades, dentro de pouco tempo.

E acrescentou, a fixar melhor a sua opinião:

— Dentro de dois anos, Portugal será um valor no ciclismo europeu.

O jornalista atribui a amabilidade a opinião expressa, mas José Saura insiste:

— Não tenha dúvida. Com estes corredores, Portugal pode ser uma «potência» em ciclismo.

Corredores estrangeiros que devem vir a Lisboa e portugueses em Espanha

A conversa deriva, entretanto, para o intercâmbio luso-espanhol, e José Saura explica:

— Eu creio que podemos manter excelentes relações na preparação de festivais e provas. Há, pelo menos, boa disposição nesse sentido. Em princípio, temos assente que passarão por Lisboa, e de certo pelo Porto, todos os corredores que eu contrate para se exibirem em Barcelona. E a série, como pode verificar-se — acrescenta — não é nada má: Von Entervergen, belga, campeão do mundo em estrada; Harris, inglês, campeão do mundo em velocidade; Koblet, suíço, recente vencedor da «Volta a Itália»; e Robic, magnífico estradista francês, vencedor da «Volta a França» de 1948, e uma das grandes atrações, em todo o mundo.

Se as negociações forem, como espero, coroadas de êxito, o programa será excelente.

— E propriamente em relação a corredores espanhóis; interposmos.

— Também devem vir alguns a Lisboa. Para as «24 horas de Lisboa», já para a semana, teremos duas equipas, com Poblet, Timo-

ner, Spin e Olmos, todos catalães. E estou convencido de que devem fazer boa figura. Eles e a equipa franco-italiana de Bermudez e Mário Fázio. Por mim, os prognósticos vão para o par Poblet-Timoner.

— Mas Felix Bermudez é espanhol, dizemos.

— Trata-se, porém, de um espanhol que se fez corredor em França. Para nós, — acrescenta Saura — é um produto francês.

— E para a «Volta a Portugal»? inquirimos.

A resposta não demora: — Está assente a inscrição do Clube Ciclista de Barcelona, com cinco corredores — Montaña, Vidal Porcar, Masip, Filba e Mateo. Com os corredores virá Alzina, presidente da secção. E não me admira que o Clube de Barcelona concorra também ao Lisboa-Porto.

— E não há nada sobre a ida de portugueses a Espanha? — perguntámos.

— A esse respeito, posso dizer — responde — com a indicação de que contamos levar à «Volta da Catalunha», em doze etapas, na segunda quinzena de Setembro, uma equipa do Sporting e outra do Académico do Porto.

★

O jornalista aproveita uma pequena pausa para formular outra pergunta:

— A que atribui o exodo espanhol deste ano para os clubes portugueses? Há alguma crise em Espanha?

O termo não agrada a Saura.

A ladear a dificuldade, esclarece: — Em Espanha as casas comerciais da especialidade não protegem o ciclismo, e os clubes não auxiliam os corredores. Há por isso dificuldade em organizar provas de estrada. As corridas de pista é que se fazem em condições de despertar interesse nos corredores, e entusiasmo no público. Mas nem em todas as regiões existem pistas.

A uma pergunta nossa respondemos com a discriminação:

— Em Palma de Maiorca, uma; na Catalunha, dez; duas em Barcelona, e uma em Mataró, Vila Franca, Reos, Vendrel, Tortosa, Lérida, Igualada e Tarragona. São de cimento ou madeira. A de Maiorca tem 333 metros; a pista da Empresa do Velódromo de Barcelona, 800 metros; as outras variam entre 200 e 250 metros. Em algumas destas pistas é possível a velocidade de 65 quilómetros à hora.

Pelo que ele espera poder fazer e conseguir, creio bem que 1951 será um ano de satisfação.

A um ano de penitência, seguir-se-á, estou certo, um ano de glória para Espanha.

Esta observação fecha bem a série de declarações de D. José Saura.

Manue C. Santos

FUNDIÇÃO • TORNEIRO • CROMAGEM

Fabricante de

CANDEEIROS
LUSTRES
CANDELABROS
APLIQUES

Estrada de Chelas 64 — portas 1 e 3 a Xabregas

Telefone por chamadas 29653

LISBOA

CURIOSIDADES

Ainda qualquer coisa no ar, num clube importante desta cidade. Diz-se que vão pedir a demissão alguns elementos que ocupam cargos directivos.

● Na Federação Portuguesa de Futebol causou aborrecimento determinado officio recebido há semanas. Partiu de um clube da capital do Norte e sabemos que sobre ele se tem discutido alguma coisa.

● O guarda-redes Graça parece emagrecido por outro clube. O F. C. Porto teve tudo preparado para o incluir na equipa que foi de abalada aos Açores. No entanto, Graça não quis ir...

● Chegou ao Porto mais um ciclista espanhol: — Bernardo Ruiz. Fará companhia aos 3 compatriotas que já se encontravam no Académico: Capot, Lançurica e Serra.

● Também devem ingressar no Académico dois ciclistas angolanos — dizem-nos que de excelente categoria.

● Nunes, interior setubalense, encontra-se cá pelo Norte. Talvez escolha clube com o mesmo nome daquele a que pertence actualmente...

● O Albo, do Campeonato de Aveiro, abandonou a competição, deixando Carlos Azeite na disponibilidade.

● Há semanas, o director de um clube portuense, deslocou-se com a sua equipa. A certa altura da viagem, mandou parar o auto-carro e... foi beber um copo, depois de convidar os jogadores da equipa — que recusaram!

Garantimos a autenticidade:

● António Ferreira, que tem jogado em Viseu e já alinhou no F. C. Porto, deve ingressar no Sporting de Braga.

● Também é dada como certa a inclusão de Szabo (filho) no Sporting de Braga. E de Szabo (pai...).

● Quase todas as etapas da «Volta» a Portugal estão marcadas para de manhã. Só as do Porto e de Lisboa têm chegada à tarde, como é natural.

● Até a altura em que escrevemos ainda não foi indicado o director da corrida. Tem-se pensado em muitos nomes — no Porto. Há, porém, candidatos em Lisboa, e entre eles Antero Ventura.

● Ao contrário do muito que se tem dito, parece que não haverá reforços para as equipas do Porto. Na próxima época, para não fugir ao costume — teremos na Constituição e no Bessa as mesmas caras...

na capital do NORTE

Falta de elegância desportiva

O ciclismo portuense teve há dias nos irmãos Moreiras de Sá, Fernando e Luciano, dois representantes admiráveis. Batendo-se contra dois campeões profissionais, e tendo ainda como adversários 4 bons ciclistas espanhóis, representantes do Académico, os irmãos Moreira de Sá fizeram também a melhor figura. Em Lisboa, ganharam com uma volta de vantagem. No Porto, após uma luta equilibrada, venceram o par belga por desclassificação num lançamento.

Neste lançamento, porém, não vimos qualquer motivo que pudesse pesar na decisão do júri. Antes disso, não há duvida alguma, fizeram os belgas todo o possível por provocar especialmente Luciano e Fernando Moreira de Sá. Um tentou agredir determinado elemento do júri. E quando numa embalagem venceu Luciano, exibiu uma serie de gestos indelicados e dignos de expulso.

Alem disso, quando no principio do festival se disputou uma prova de «perseguição», não ligaram os belgas importância à corrida. Deixavam-se bater por Apolo-Barros, do Louletano, não fazendo fôsse o que fôsse para valorizar o espectáculo. Julgamos que todos reconheceram essa indifferença dos corredores belgas.

Na «Americana» fizeram de facto o possível por vencer, desejosos de se desforrar de um grupo de modestos portugueses que no Lumiar os derrotava. Mas para isso, não se dispensavam de usar táticas indelicadas — de uma vez empurrando Manuel Cardoso para cima de Luciano, de outra agarrando Fernando Moreira de Sá.

O motivo que nos leva a falar neste assunto ainda se não filta, entretanto, nestes actos desleais. Desejamos antes manifestar o nosso aborrecimento pelo facto de algum publico se manifestar ruidosamente na altura em que o júri atribuiu a vitória à equipa do F. C. Porto, alegando o comportamento anti-desportivo do conjunto belga. Não se procurou reconhecer que estes profissionais categorizados, lutavam contra dois portugueses cheios de valor e qualidades, e não se quiz ver e apreciar como era justo, o mau comportamento dos estrangeiros visitantes.

E não está certo. Embora isso se faça à custa de uma rivalidade que só faz bem ao desporto, é necessário que acima de tudo se aprecie com independência e dignidade. Estava na pista uma equipa portuguesa, e todos deveriam reconhecer que se ela não possuía a classe dos belgas, nem por isso ficou mal e nem por isso recorreu a atitudes anti-desportivas.

Não se compreende lá muito bem, portanto, o entusiasmo posto na defesa dos estrangeiros que até numa das provas se comportavam de modo a achincalhar os direitos do público que ocorreu ao Lima para ver um festival sério e nunca um espectáculo-chiqué.

Tenham santa paciência quantos ficaram aborrecidos com a vitória dos portugueses Fernando e Luciano Moreira de Sá, mas não perdaremos atitudes que firam de certo modo a boa marcha do desporto.

Claro que se fôssemos do júri, teríamos dito as coisas com outra clareza. Teríamos dito, por exemplo, antes de anunciar os resultados ao público, mais ou menos o seguinte:

«— Os belgas A. e B. foram desclassificados por isto e por aquilo no 3.º «sprint». Mas para não privar o público do espectáculo, que por certo não era barato, — correram até ao fim».

Dito isto sem meias tintas, não assistiríamos a cenas desagradáveis. Mas seja como for, será bom não destruir alguma coisa que ainda anda no ciclismo. A falta de serenidade nas gentes que admiram a modalidade pode conduzir a velozes para um terreno resvaladço, e sempre será bom evitar que tal suceda muitas vezes.

E sobre os estrangeiros, afirma-se mais uma vez que muito nos agrada vê-los na nossa Pátria, mesmo a ensinar, mas sem exhibirem incorrecções, mas sem aparecerem na pista para desfeitear quem paga o bilhete algumas vezes com sacrificio. Quanto maior é a categoria, mais obrigações possuem.

Logo — que se não aplaudam quando se dá nitidamente pela deselegância. — RODRIGUES TELES

ESSOLUBE



OS ÓLEOS RECOMENDADOS
E PREFERIDOS PELAS GRANDES
MARCAS DE AUTOMÓVEIS

Exclusivo de H. VAULTIER & C.º

Organização Esloil



A equipa do Benfica vencedora da estafeta sueca



Um trecho da prova de 200 metros barreiras ganha por Luís Alcide, do Benfica



A equipa do Sporting: Eduardo Silva, Canhão, Abreu e Rui Maia, vencedora da estafeta olímpica

DUAS PROVAS DE ATLETISMO

O TORNEIO DE EQUIPAS

e o Campeonato Nacional Feminino



Georgette Duarte, do Belenenses, triunfa na prova dos 100 metros



As simpáticas atletas do Sporting e do Belenenses, concorrentes nos Campeonatos Nacionais Femininos de Atletismo



Olinda Marques, do Sporting, conquista o primeiro lugar na prova do lançamento do peso



O grupo da Associação Académica de Coimbra, vencedor mais uma vez do Campeonato nacional de basquetebol, após ter demonstrado uma classe que a coloca muitos furos acima de todos os outros concorrentes. Os rapazes, pelo entusiasmo com que lutam e pela dedicação com que se treinam, merecem bem que por eles se tenha o respeito que se deve aos Campeões!



PORTO — No campeonato regional de Juniores, uma fase dos 110 metros barreiras, prova ganha pelo segundo corredor, a contar da direita, Júlio Vasconcelos, do F. C. do Porto.



Campeonato Nacional da Rampa — José Cabral, que se tem afirmado um automobilista de grandes recursos, vence com brilho a 2.ª prova do Campeonato Nacional da Rampa, entre Santo Adrião e o Alto da Falperra, em Braga.



O momento da inauguração da piscina. A vista vendo-se o primeiro nadador no momento de se lançar à água.